

## **VICENTE DE PAULO E O ESPÍRITO SANTO**

### **I – Espírito Santo, quem és tu?**

1. A etapa familiar
2. A abordagem teológica
3. A experiência do tipo carismática
4. A descoberta

### **II – Espírito Santo, que fazes tu?**

1. Igreja Instituição/ Igreja Hierarquia.
2. O Pobre e o Laicato
3. A Igreja do Espírito

## SUMÁRIO

### **Vida espiritual**

- 234 Carta de 15 de agosto de 2008  
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 237 “Dar razão da esperança que está em vós” (1 Pedro 3, 15)  
Padre Javier Alvarez, Diretor geral
- 245 Carta de 18 de julho de 2008:  
A todos os membros da Família Vicentina  
Padre Grégory Gay, Superior geral
- 248 A Eucaristia na escola de Maria  
Padre Guillaume de Menthère, professor de Mariologia e Patrística

### **Desafios atuais**

- 273 **Introdução**
- 274 Servir com criatividade e compaixão as pessoas encarceradas  
Província de Los Altos Hills (Califórnia)  
Irmã Christina Maggi, Filha da Caridade
- 280 Comitê Internacional das Filhas da Caridade sobre o tráfico humano  
Província da Albânia  
Irmã Donna M. Franklin e Irmã Joanne Dress, Filhas da Caridade

### **Atualidade das Províncias**

#### **Visita dos Superiores**

- 284 Mère Evelyne Franc e Irmã Blanca Líba Tamayo, Conselheira  
geral: Visita da Província da Bolívia  
Irmã Andrea Emçerita Medina, Filha da Caridade

#### **Testemunho das Irmãs**

- 287 Província da Índia do Norte: A responsabilização de jovens mulheres  
de origem tribal  
Irmã Rosalie Palayoor, Filha da Caridade
- 291 Casa-Mãe: Encontro de Diretores provinciais recentemente

nomeados (Paris, 26 de março a 2 de abril de 2008)  
Padre Fernando Macias Fernandez, Diretor provincial do Chile

### **Palavra de um “Profeta, portador de Esperança”**

- 297 O amor é uma força! “Minha fé me salvou”  
Extrato do jornal “Pèlerin n° 6554”

### **História da Companhia**

#### **No tempo de São Vicente... e hoje**

- 300 **Introdução**
- 301 Vicente de Paulo e o Espírito Santo  
I. Espírito Santo, quem és tu?  
Padre Jean Morin, cm

### **MERE EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL**

#### **Carta de 15 de agosto de 2008**

Minhas queridas Irmãs,

*“Se a Mãe de Jesus,  
já glorificada no céu em corpo e alma,  
é imagem e início  
do que será a Igreja em sua forma concluída  
(...) ela brilha diante do Povo de Deus em marcha  
como sinal de esperança segura e de consolação” LG 68.*

A Maria, *sinal de esperança segura e de consolação*, confio os votos que formulo na intenção de cada Irmã para a festa de 15 de agosto. Estes querem traduzir-lhes o meu reconhecimento por toda correspondência que recebi nestes últimos dias assegurando-me suas orações e descrevendo-me suas alegrias e preocupações no serviço de nossos irmãos e irmãs os pobres. Em todas as mensagens percebi a afeição que cada uma tem à Companhia, às suas Províncias, às suas Comunidades locais e o desejo de partilhar com todas as Filhas da Caridade o que vivem e o que esperam. Nelas li também suas ações de graças fruto do bom desenvolvimento de suas Assembléias domésticas e provinciais e, com vocês, dou graças a Deus.

Há algumas semanas, em companhia de Irmã Wivine Kisu, Conselheira geral, tive a alegria de visitar as nossas Irmãs da Eritreia para as quais várias vezes pedi-lhes orações. Com emoção, constatei as dificuldades que as mesmas enfrentam por causa do contexto econômico

arruinado do país e de sua situação política muito tensa; observei também a coragem, a dedicação incansável para com os pobres através dos serviços de educação, saúde ou sociais, obras de humanização e evangelização que realizam. Elas dão um belo exemplo de confiança na Providência, conforme o carisma vicentino trazido às suas terras por São Justino de Jacobis.

No final de nossa estadia, no primeiro sábado de agosto, participamos de uma celebração eucarística no Santuário Marial, Maryam Dearit, perto da cidade de Keren. A Missa foi celebrada ao ar livre e nós rezamos especialmente por todos os jovens do país, rapazes e moças, que dentro de poucos dias, seriam obrigados a se integrar no Exército para a última etapa de sua formação secundária e lá passar por uma severa iniciação à vida militar. Juntos confiamos todos eles a Maria a fim de que sua fé não enfraqueça. Neste Santuário venera-se uma estátua da Virgem das Graças colocada por nossas primeiras Irmãs, chegadas no país há 130 anos, dentro de um baobá gigantesco cujo tronco forma uma cavidade natural com capacidade para abrigar umas quinze pessoas. Tive a possibilidade de entrar no interior desta árvore e confiei as Irmãs de Eritreia e a Companhia inteira com amor a Maria, sinal de *esperança segura e de consolação*.

A festa da Assunção é, com efeito, um grande motivo de esperança para a Igreja e para todos os povos. Maria já vive o que cada cristão, a Igreja inteira e a humanidade desejam viver um dia: a vida em Deus plenamente.

Contemplar Maria como *sinal de esperança segura e de consolação*, é reconhecer e admirar nela a mulher que acreditou e esperou, aquela que caminhou de Nazaré ao Calvário com um coração cheio de amor humilde, simples, sempre disponível ao plano de Deus. É um apelo a cultivarmos a vida de fé e de esperança e a nos alimentar da meditação assídua da Palavra de Deus, acolhendo-a com amor, guardando-a com cuidado no coração, transformando-a em vida, como o fez Maria.

É também um apelo a enfrentar as inclemências do tempo presente, os momentos de dúvida e de obscuridade, os acontecimentos difíceis, apoiando-nos na firme convicção de que *Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e sempre* (cf. Heb 13, 8) e que *Ele venceu o mundo* (cf. Jo 16, 33). Apoiadas em sua Palavra nos sentiremos constantemente interpeladas a escavar novos sulcos de compromisso e de fidelidade para estar mais plenamente presente lá onde há corações sem amor.

Contemplar Maria como *sinal de esperança segura e de consolação* é um estímulo a viver nosso dom total. Pois ela se deixou modelar pelo Espírito Santo e nela se realizaram as maravilhas de Deus. É um apelo, também, a viver da mesma maneira, abertas à vontade de Deus, a fim de que o Espírito Santo realize em nós uma configuração progressiva a Cristo (cf. C. 49), para que vivamos plenamente e radicalmente nossa vocação de Filhas da Caridade.

Se, infelizmente, eu não posso dar-lhes notícias de todas as Províncias, posso destacar alguns sinais de esperança respigados aqui e ali... os socorros enviados à Birmânia graças às Irmãs da Tailândia e à solidariedade da Companhia, a abertura de uma nova Casa na Província do Haiti para o serviço dos esquecidos, os diferentes Centros Dream do Moçambique, Nigéria, Camarões, Quênia e em breve do Congo que cuida com respeito, doçura, dedicação e ...competência dos doentes da AIDS. Gostaria também de citar as boas notícias recebidas do Seminário interprovincial do Chile que reagrupa as Irmãs da Argentina, Paraguai e Chile e as generosas ajudas aos habitantes dos bairros em situação de risco na periferia de Nápoles na Itália.

Aproveito esta oportunidade para juntas agradecermos a Irmã Claire Herrmann, Arquivista fiel e apaixonada pela Companhia que, durante vários anos, soube comunicar a tantas Irmãs e membros da Família Vicentina seu amor por nossos Fundadores. Irmã Anne

Marguerite Fromaget que atualmente está a serviço da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica aceitou generosamente continuar o trabalho de Irmã Claire depois da Assembléia geral de 2009. Confiamos as intenções de nossas duas Irmãs a Maria, única Mãe da Companhia.

É também sob a proteção da Virgem Maria, *senal de esperança segura e de consolação*, que eu coloco o percurso que nos conduzirá à Assembléia geral de 2009. Que São Vicente e Santa Luísa, Santa Catarina, Santa Elizabeth Ann Seton e todas as nossas Bem-aventuradas nos guardem unidas na alegria e no amor à nossa vocação, a serviço dos preferidos de Deus!

Com minha fraterna afeição e a certeza de minhas orações.

Irmã Evelyne FRANC  
*Filha da Caridade*

### **PADRE JAVIER ALVAREZ DIRETOR GERAL**

*“Dar razão da esperança que está em vós”*  
**(1Pedro 3, 15)**

“Dar razão” é um verbo ativo que pode facilmente ser substituído por evangelizar ou testemunhar. Mas, as razões evidentes que servem para iluminar os outros em sua caminhada são as mesmas que iluminam a nossa. Afinal, todos nós precisamos de um fundamento para a nossa esperança, o que dá e o que recebe, o que evangeliza e o que é evangelizado. *“Ninguém dá o que não tem”*. Este provérbio popular pode muito bem ser aplicado ao tema da esperança. Portanto, antes de tudo, parece indispensável perguntar-se sobre em que fundamentar a nossa esperança e como chegar a sermos pessoas de esperança.

A Companhia convoca as Filhas da Caridade à esperança. Basta recordar o tema das Assembléias domésticas e provinciais que no próximo ano presidirá a Assembléia geral, para perceber isto. Com muito acerto, o profetismo e a esperança aparecem associados, porque o bom profetismo não pode gerar outra coisa senão a esperança. Os profetas do Antigo Testamento estão aí para no-lo provar. Se a Companhia nos propõe a esperança é porque nosso mundo precisa dela. Por exemplo: há milhares de pessoas no mundo que a pobreza as mergulhou num estado de desespero. As guerras e as violências terminam tirando a esperança das pessoas que sofrem. Outros fatores, como a degradação ecológica, a mudança climática, as crises das Instituições e as rápidas mudanças de valores contribuem para enfraquecer a esperança de muitas pessoas. Em meio a estas constatações é necessário lembrar-nos que as Filhas da Caridade surgiram na Igreja e na sociedade como uma instância de esperança frente a um contexto marcado pela falta de esperança, a angústia e a pobreza. Hoje, a Companhia deverá continuar perguntando-se como ser testemunha de esperança porque, quase sempre, por trás de cada desesperança há uma pobreza.

### **O FUNDAMENTO DA ESPERANÇA CRISTÃ**

Se olhamos apenas as aparências, pode-se muito bem confundir uma pessoa otimista com uma que vive a virtude da esperança. Ambas vivem alegres, felizes com o trabalho que

realizam e são capazes de olhar o futuro com serenidade e, mesmo, com confiança. Para ver a diferença entre ambas é necessário saber qual é a base de suas convicções: o otimista se apóia em determinados indícios que parecem prever um futuro propício ou o próprio caráter. Com efeito, há pessoas que por natureza, não conhecem o desânimo. A natureza foi generosa com elas. Pelo contrário, a esperança se apóia em Deus e pode ser até mesmo uma esperança “*contra toda a esperança*”, (Rm 4, 18) como a de Abraão que, sendo estéril em seu matrimônio com Sara, e ambos de idade avançada, continuam esperando uma descendência “*tão numerosa como as estrelas do céu e a areia da praia*” (Gên 22, 17)<sup>1</sup>.

O que o otimismo e a esperança têm em comum é a capacidade de impulsionar as pessoas rumo ao futuro, de fazer planos e projetos, de viver a todo vapor. São Vicente captou bem a força que assiste aqueles que vivem centrados na virtude da esperança. Para ele “*esta querida confiança em Deus é a força dos fracos e o olho dos cegos*”<sup>2</sup>. Sem dúvida alguma, a consequência mais visível da virtude da esperança é uma espécie de juventude permanente, de energia criativa. Há quem qualifique a esperança como o “*elixir da eterna juventude*”. Por outro lado, quando a esperança desaparece, o ser humano murcha, resseca e morre<sup>3</sup>. A imagem usada pelo profeta Ezequiel para descrever o estado de espírito dos israelitas em seu exílio é realmente expressiva: “*nossos ossos estão secos, nossa esperança está morta; estamos perdidos!*” (Ez 37, 11). A falta de esperança é o que mais se assemelha à morte.

Mas, voltemo-nos ao fundamento da esperança cristã. Nós já dissemos que não pode ser outro senão Deus. Agora, como se pode na prática, basear sua esperança em Deus? Isto se produz na medida em que nossa vida se constrói sobre convicções evangélicas. Quais são estas convicções que, bem assimiladas, são capazes de comunicar energia a uma pessoa, de tal maneira que elas lhes dêem vida e lhes infundam uma luz e uma energia criativa? Estas são as mais importantes na mensagem do Evangelho, por exemplo a convicção de que temos um Deus que é Pai e que nos ama ternamente, embora não correspondamos a este amor (cf. Lc 15, 1-32); que o amor é possível e só este amor pode nos resgatar (cf. I Cor 13, 1-13); que Deus deseja a paz e a justiça entre as nações (cf. Is. 2, 4), e também que não importa qual gesto de caridade em favor de um indigente é considerado como feito a Ele mesmo (cf. Mt 25, 31-46); que a pessoa pode se reconciliar com Deus, consigo mesma, com as outras, com a natureza e viver de maneira harmoniosa (cf. Gên 2, 1-25); que esta vida não tem fim, mas ela se prolonga e nós com ela na plenitude da vida (cf. I Tes 4, 13-15), etc. Foi E. Blonch quem resumiu todas estas verdades que geram a esperança, como se se tratasse de um feixe que ele chamou “*o princípio esperança*”. Se este princípio se inscreve no ser humano, ele é capaz de se auto-construir e de fazer o mesmo em redor de si. Queremos insistir que a base da esperança cristã não são convicções evangélicas fossilizadas, mas convicções mantidas sempre com frescor e vivacidade. É na oração diária e nos sacramentos que a pessoa assimila estas verdades, estas Boas Notícias do Evangelho e, estas lhes dão alento e vigor, ela as personifica fazendo-as passar da Sagrada Escritura à vida. Aquele que percebe a presença de Jesus Cristo vivo e presente neste mundo não pode viver sem esperança. É simplesmente impossível.

## **SINAIS DE ESPERANÇA**

A esperança cristã é uma e seu fundamento é Jesus Cristo. Eis aqui o ponto central desta virtude que abrange a pessoa inteira e que lhe dá um tom e um talento particularmente atraente para a convivência e a evangelização, principalmente quando a pessoa esperançosa é também humilde. Se para despertar e sustentar a esperança cristã busca-se também a esperança no plano humano, não há contradição. Não esqueçamos que a virtude cristã da esperança pode-se perceber e expressar em certos sinais de esperança que captamos em nosso mundo e, para as Filhas da Caridade, no interior da Companhia. O Papa Bento XVI em sua Encíclica sobre a

esperança explica a relação que existe entre as esperanças e a grande esperança. Ele se expressa assim: “*precisamos das esperanças – menores ou maiores – que, dia após dia, nos mantêm a caminho. Mas, sem a grande esperança que deve superar todo o resto, elas não bastam. Esta grande esperança só pode ser Deus que abraça o universo e nos pode propor e dar aquilo que, sozinhos, não podemos conseguir*”<sup>4</sup>.

Por exemplo, no mundo em que vivemos, onde encontramos alguns horizontes de esperança? João Paulo II em *Redemptoris missio*, nº 86 faz uma análise do mundo atual. Reconhece todos os aspectos negativos, mas também, constata cinco grandes valores que estão presentes numa grande maioria de pessoas e em quase todas as sociedades: a rejeição da violência e da guerra; o respeito pela pessoa humana e seus direitos; o desejo de liberdade, de justiça e de fraternidade; a tendência em superar os racismos e nacionalismos; o fortalecimento da dignidade e do valor da mulher. Com tudo isto, é preciso também falar das multidões de grupos, dentro e fora da Igreja, que trabalham para estabelecer uma maior justiça social ou que procuram criar redes de solidariedade para ajudar os mais desfavorecidos. O Estatuto 9 reconhece implicitamente esta realidade positiva, convidando as Filhas da Caridade a colaborar com organismos privados ou públicos para serem mais eficazes no serviço dos pobres. Na Europa e na América, são financiados milhares e milhares de projetos destinados ao desenvolvimento de milhares de pessoas. Todas estas sementes de esperança não podem permanecer escondidas sob o pretexto de que nosso mundo é uma catástrofe e que tudo vai mal. A mesma coisa deve-se dizer sobre a nossa cultura atual, aquela que surgiu como consequência de um grande desenvolvimento das ciências e da técnica. É certo que, em muitos casos, isto serviu para fazer o mal, mas em muitos outros, multiplicou o bem. É preciso reconhecer que nossa cultura nos oferece imensas possibilidades de fazer o bem. É preciso saber utilizar de maneira inteligente todos os meios que estão ao nosso alcance e aceitar de bom grado nossa modernidade, sem nostalgias que nos impediriam captar as possibilidades do mundo atual.

Passemos agora à Companhia, nela encontramos luzes e sombras. Vejamos as primeiras, pois, com este tema, trata-se de saber ver os sinais de esperança. Em geral, o ser humano capta com mais facilidade o negativo do que o positivo. Perceber o bem com todas as suas cores, o que não é fácil, no entanto, isto ajuda muito a pessoa a manter a esperança bem viva.

Frequentemente é invocada a escassez de novas vocações como um sinal negativo. Porém, este fato deve ser relevado. Na Europa central e ocidental, e na América do Norte pode ser certo, mas não nas Províncias da Ásia e da África. Convém saber, por exemplo, que o número de Irmãs do Seminário em 2007 era de 274, não será este um pequeno sinal de esperança para quem deseja lançar seu olhar além das estreitas fronteiras de sua Província? Outro sinal de esperança é: o valor da vida cristã autêntica e a vida de serviço que se realiza na Companhia cujo fim não é outro que o de ajudar a recuperar a esperança junto a tantos e tantos pobres. Na realidade, todos estes serviços não são outra coisa senão a manifestação e a expressão de vidas todas doadas a Deus nos pobres. A base dessa entrega está na doação diária e silenciosa de tantas Filhas da Caridade. São Vicente comparava as primeiras Irmãs com as mártires, pela entrega diária de suas vidas a Jesus Cristo <sup>5</sup>. Junto a estes sinais podemos mencionar também a presença da Companhia em lugares de extrema pobreza ou em meio a situações de conflitos e de violência. A coragem de muitas Irmãs, unida a sua generosidade, dá a possibilidade à Companhia de ser uma Boa Nova para muitos pobres.

Há certamente outros muitos sinais de esperança na Companhia. E, estou certo de que cada Província saberá reconhecer os seus. Não pretendo em nenhum caso tornar-me exaustivo, a única coisa que desejo dizer é que é importante saber descobrir o positivo da vida, das pessoas e dos acontecimentos para alimentar a própria esperança. O que é negativo sempre é mais cômodo, mais fácil de ressaltar; o positivo exige mais esforço, mais atenção, mais fé. Quando só olhamos os pontos negros, o olhar fica turvo e corre o risco de terminar na cegueira. É necessário também e, principalmente, saber olhar o positivo sem exagerações, mas também sem mesquinhez, com a medida de um realismo bem equilibrado. Dado a tendência em ver o negativo, conviria adquirir o hábito de “positivar” mais nosso olhar e nossa atitude. Transmitir aos outros um olhar positivo, pensamentos, sentimentos, atitudes positivas é gerar esperança. Para o povo de Israel, o exílio foi uma experiência bastante dura, a tal ponto de quase cair no desespero e no desencanto. Pois bem, foi neste contexto que o segundo Isaías escreve o livro da consolação. Adverte o povo por sua cegueira, sua surdez, sua incapacidade em compreender o que está acontecendo (cf. Is 43, 18-19). É bom não esquecer esta experiência bíblica para evitar o perigo do pessimismo paralisante e estéril.

## **LUGARES ONDE CONSTRUIR A ESPERANÇA**

Em nosso mundo há sinais de esperança, mas isto não significa que não se tenha necessidade dela. As duas coisas são verdadeiras. Cada medo, cada situação negativa, cada problema esconde um déficit de esperança. Podemos dizer que, em nosso mundo, a esperança é um bem muito necessário, mas raro para muitas pessoas. Por isso, está mais do que justificado uma Encíclica sobre a esperança e a salvação ou ainda, “a salvação na esperança” (*Spe Salvi*).

A Companhia deve continuar construindo a esperança. Ela nasceu na Igreja e na sociedade como exemplo de esperança frente a um clima interno e externo de desespero, de angústia, de desolação e de abandono dos pobres e dos marginalizados, como um coração cheio de calor e de compaixão para com uma humanidade fria e sem coração. Tudo isto parece claro e indiscutível. Talvez seja menos evidente perguntar-se onde particularmente a Companhia deve investir a esperança hoje. Para poder responder a esta pergunta devemos levar em conta alguns pontos. Por exemplo, São Vicente dizia: é necessário levar a esperança àqueles que não têm futuro. A esperança de São Vicente coincide com a esperança comprometida de Jesus de Nazaré. Em segundo lugar, é preciso levar em conta os meios de vida onde a Companhia serve e trabalha. De acordo com tudo o que foi dito, parece-me que estes podem ser alguns lugares específicos para construir a esperança:

### **Nas Comunidades.**

Para que a Comunidade seja um ambiente positivo, capaz de irradiar vida e energia, a condição indispensável é viver com alegria sua vocação, apesar da idade, a consideração social ou o contexto sócio-cultural, às vezes, complexo e difícil, no qual as Comunidades estão inseridas. Assim como a falta de comunicação e o individualismo produzem desilusão e morte; a comunicação, a partilha de vida, de experiências e de dificuldades geram interesse e vida. Quando se acolhe uma pessoa, liberamo-la do peso da solidão, acompanhamo-la e isto lhe dá forças para viver. Por mais difícil que seja sua situação, por mais diminuída que esteja, se essa pessoa descobre que não está só, que há alguém que está pronta a ajudá-la, a esperança pode renascer em seu coração. A recomendação de São Paulo, “*acolhei-vos uns aos outros, como Cristo nos acolheu para a glória de Deus*”, (Rom 15, 7), pode ser interpretada como condição indispensável para que a esperança na comunidade renasça. As Comunidades só poderão ser anunciadoras da Boa Notícia se levarem em conta todas estas considerações. E ainda mais, as



próprias Irmãs serão a Boa Notícia ou “sacramento” para aqueles que não têm esperança. Quando a Comunidade se torna um lugar de acolhimento onde cada pessoa que chega é recebida com delicadeza e carinho; se é um pobre e que ele recebe um gesto de solidariedade, então se pode dizer que a comunidade “dá razão de sua esperança”, não com palavras, mas com a linguagem dos fatos que é o que mais toca as pessoas. Mas a Comunidade, evidentemente, não pode contentar-se apenas em acolher bem aqueles que chegam, ela deve também ir ao encontro das necessidades externas, a fim de transformar o mundo, de acordo com o contexto concreto onde cada um deve trabalhar.

### **Nos lugares habituais de serviço.**

É aqui que se encontram as Filhas da Caridade com seu trabalho e suas preocupações. Algumas de vocês deverão cultivar a esperança apresentando valores evangélicos, sem maquiagens nem edulcorantes, mas em toda sua grandeza e, ao mesmo tempo, desmascarar anti-valores sociais como o materialismo, o hedonismo, o ódio... É necessário desmascará-los porque todos eles desumanizam e degradam o ser humano. Outras Irmãs deverão apostar na esperança através do trabalho silencioso do Samaritano. Elas serão sinais de misericórdia e de compaixão, isto é, sinais do Reino, o que é a mesma coisa. Estes têm uma força especial para vivificar a esperança, porque testemunham que o que anunciam já está em desenvolvimento, já está sendo realizado, que as promessas não são uma falsa ilusão. Frequentemente, Jesus apresenta suas obras e seus sinais, como último recurso para suscitar a fé n’Ele e a esperança no cumprimento das promessas do Reino. “*se não quiserdes crer em mim, crede nas minhas obras*” (Jo 10, 38). “*Mas, se é pelo Espírito de Deus que expulso os demônios, então chegou para vós o Reino de Deus*” (Mt 12, 28). Além disso, se faltam estes sinais de compaixão e de misericórdia que são o serviço dos pobres, dos desprezados, dos sem poder, dos sem recursos legais, dos pobres em definitivo, não terão razões de esperança.

As Filhas da Caridade com o seu serviço dão razões de esperança ao pobre, mas sem nunca esconder que este mundo não termina aqui. São Vicente não cessava de repetir, de uma maneira ou de outra, que Deus tinha escolhido as Filhas da Caridade para “*instruir (os pobres) nas coisas necessárias à salvação*”<sup>6</sup>. É necessário trabalhar para sustentar as esperanças de muitos pobres sem esquecer a grande esperança que nos indica o futuro definitivo para o qual todo ser humano é chamado, segundo o que o nosso Papa atual disse<sup>7</sup>. O cristão, depois de trabalhar com ardor para construir o Reino de Deus em nosso mundo, deve também compreender que a VIDA é muito mais do que a vida. Em nossa história, às vezes, tão medíocre, o verdadeiro futuro do ser humano está em gestação. Até aqui deve chegar a esperança cristã.

### **PARA A REFLEXÃO PESSOAL E A PARTILHA COMUNITÁRIA**

\* Para você, o que é a esperança? Qual é sua experiência a respeito da virtude da esperança?

\* São Pedro recomenda a todos os cristãos, “*dar razão de nossa esperança*” (1Pedro 3, 15). Olhando sua Comunidade concreta, o contexto sócio-cultural, o serviço ou os serviços concretos que realiza, como seguir estas recomendações?

Padre Javier Álvarez, cm  
Diretor geral

## Notas

<sup>1</sup> cf. L. GONZÁLEZ CARVAJAL *Aquele que espera é a pessoa mais forte da terra, na Companhia das Filhas da Caridade no tempo das Assembléias*, Caderno - Madrid São Vicente p. 11

<sup>2</sup> Coste III p. 149 Carta a Jean Martin de 28 de fevereiro de 1647

<sup>3</sup> cf. L. GONZÁLEZ CARVAJAL, a.c., 11.

<sup>4</sup> *Spe salvi*, nº 31

<sup>5</sup> cf. Coste IX, p.459-460 - Conferência de São Vicente às Filhas da Caridade sobre o amor à vocação, 25 de dezembro de 1648

<sup>6</sup> cf. Coste X, p.333 - Conferência de São Vicente às Filhas da Caridade sobre o serviço dos doentes, 11 de novembro de 1657

<sup>7</sup> cf. *Spe salvi*, n. 10-12, 31

### PADRE GRÉGORY GAY, SUPERIOR GERAL

Carta de 18 de julho de 2008

A todos os membros da Família Vicentina.

Meus queridos irmãos e irmãs:

*“Foram colocadas em liberdade 167 crianças que tinham sido vendidas como mão-de-obra barata para fábricas chinesas. Elas viviam em semi-escravidão e trabalhavam 300 horas mensais por 50 centavos de dólar a hora”.*

*“Milhares de migrantes fogem da propagação de violência na África do Sul”.*

*“A ONU lança um apelo dramático contra a fome. Aproximadamente 800 milhões de pessoas sofrem de fome em decorrência do aumento dos preços”.*

*“Uma mulher maltratada, sem domicílio e grávida pede ajuda para não perder a guarda de seus cinco filhos. Ela solicita, desesperada, um trabalho e uma casa para continuar junto deles”.*

Ao dirigir-me a todos os membros da Família Vicentina por ocasião do dia de oração em preparação à Festa de São Vicente, eu pensei em começar minha carta com estes títulos da Imprensa, pois, diante destes e de outros sofrimentos semelhantes, muitas vezes, pergunto-me: quem está fazendo algo para aliviar tantas situações de sofrimento que existem em nosso mundo? O que eu, pessoalmente, estou fazendo? O que mais podemos fazer, nós que somos pessoas de boa vontade, seguidores de Jesus Cristo, membros da Família Vicentina? Somos chamados a agir e nós podemos fazer muito, se nos inspirarmos na vida de Vicente de Paulo cuja festa vamos, mais uma vez, celebrar no próximo dia 27 de setembro.

É o próprio Vicente de Paulo que, dirigindo-se aos Missionários exclama: *“Ser cristão e ver seu irmão aflito, sem chorar com ele, sem sentir-se enfermo com ele! É não ter caridade; é ser cristão de pintura; é não ter humanidade; é ser pior que os animais”.* (Coste XII pág. 271)

Permitam-me recordar-lhes o que Papa Paulo VI nos dizia na sua bonita Encíclica *Populorum Progressio*: *“Ninguém pode ficar indiferente à sorte dos seus irmãos ainda*

*mergulhados na miséria, atormentados pela ignorância e vítimas da insegurança. Como o coração de Cristo, também o coração do cristão deve compadecer-se desta miséria: tenho compaixão deste povo” (Populorum Progressio, 74)*

É a partir destes pensamentos que eu gostaria que preparássemos a festa de São Vicente deste ano de 2008. Vou precisar um pouco mais, convidando-os a fazer algo semelhante ao que em geral chamamos “releitura da realidade a partir da fé”.

Num clima de oração, depois de ter invocado o Espírito Santo e **tomado plena consciência da presença do Senhor** no grupo que se reúne em seu nome, convido cada membro a apresentar situações que conhece, seja por tê-las vivido pessoalmente, seja porque recebeu informação através dos diversos meios de comunicação que dispomos atualmente. Eu não sei se é muito ousado propor que, na medida do possível, seria bom que a pessoa que vive uma situação de sofrimento e/ou de grande risco, venha ela mesma informá-las ao grupo.

No segundo momento, trata-se de nos deixarmos “tocar”, **nos deixarmos “atingir”** pelo sofrimento de nossos irmãos, como São Vicente, Santa Luísa, Irmã Rosalie Rendu, Federico Ozanam se sentiram “tocados”... como tantos e tantos profetas da Família Vicentina que nos precederam na fé, à luz do carisma vicentino.

Tornar o “Deus Pobre” presente em nossa reunião, tomar consciência do amor de Deus por todos e cada um de seus filhos, não podem deixar-nos indiferentes; devemos passar à etapa seguinte que é a do **engajamento** numa ação concreta. Trata-se desta atitude tão vicentina de passar do “amor afetivo” ao “amor efetivo” e de colocá-la em prática inspirando-nos na Palavra de Deus, nos documentos vicentinos, da Igreja e, sobretudo, sua doutrina social.

Ao entrar nesta dinâmica, o texto do capítulo 25 do Evangelho de São Mateus, tão caro a São Vicente, adquire uma nova dimensão. As palavras “*tenho fome*”, além da fome de pão material, ressoarão em nós como uma súplica do pão da Palavra, da Vida em plenitude. As palavras “*tenho sede*” nos falarão também da sede de justiça. Com as palavras “*estou nu*” escutamos também: veste-me do direito de ser pessoa, de ser teu irmão, de ser filho de um mesmo Pai!

Esta é a mística que São Vicente nos legou, ele nos ensinou a ser contemplativos na ação. Somos chamados a fazer uma profunda experiência do Deus que clama palavras de justiça e de Vida através do empobrecido, do excluído, do esquecido do sistema. Este Deus nos impulsiona à construção de uma nova sociedade verdadeiramente humana, penetrada de valores evangélicos; logo, nossa caridade será criativa e nossa vida terá uma palavra a ser transmitida aos que nos cercam.

Isto é o que lhes proponho realizar em torno da festa de São Vicente, para em seguida, no ofertório da Eucaristia do dia 27, poderem apresentar na patena o fruto da reflexão e da ação concreta em favor dos pobres a que se comprometeram.

Durante este processo que pode ser feito em várias sessões, **pode ser uma boa ajuda, retomar os cinco temas de reflexão, que a Comissão para a Mudança Sistêmica preparou e que lhes enviamos no ano passado em preparação da festa de São Vicente.**

Convido-os também a utilizarem a oração pela Mudança Sistêmica que figura nas reflexões que acabei de mencionar e que transcrevo:

Nós vos louvamos e vos agradecemos, ó Deus, Criador do Universo. Fizestes boas todas as coisas e nos destes a terra para que a cultivássemos.

Fazei que saibamos usar sempre agradecidamente as coisas criadas e partilhá-las generosamente com todos os necessitados.

Dai-nos criatividade ao ajudar os Pobres em suas necessidades humanas básicas.

Abri nossas mentes e nossos corações para que possamos ficar ao lado deles e ajudá-los a mudar as estruturas injustas que os mantêm na pobreza.

Fazei que sejamos irmãos e irmãs para com eles, amigos que caminham com eles em suas lutas pelos direitos humanos fundamentais. Nós vo-lo pedimos por Jesus Cristo Nosso Senhor. Amém.

Celebrando a solenidade de São Vicente este ano, peçamos ao Deus da Vida que nos ajude a ser criativos no serviço dos Pobres.

Cheio de gratidão ao Senhor por tudo o que Ele nos permite realizar como Família e agradecido a vocês pela generosidade, sou o irmão em São Vicente.

G. Gregory Gay, C.M.  
*Superior geral*

### PADRE GUILLAUME DE MENTHIÈRE

## A Eucaristia na Escola de Maria

Notas tomadas durante a palestra do Padre Guillaume de Menthière na Sessão de formação da Equipe de Pastoral da Capela.

*Que relação há entre a Eucaristia e Maria? O mais eminente, nos diz o Padre de Menthière. Com efeito, da Anunciação ao Gólgota, da Natividade à manhã de Páscoa, a Mãe de Jesus viveu numa constante e perfeita comunhão com seu Filho. Ela é, pois, por excelência aquela que nos conduz à Eucaristia.*

*A partir de todos os relatos evangélicos referentes à Maria, o Padre de Menthière estabelece paralelos bem concretos com as diferentes partes da Missa. Esta conferência estimula a reflexão e renova nossa maneira de participar da Eucaristia e de vivê-la.*

### **Introdução:**

#### **Maria e a Eucaristia: uma relação bem profunda**

Sinto sempre uma grande satisfação em falar da Virgem Maria como Terezinha do Menino Jesus que dizia que gostaria de ter sido Padre para poder falar da Virgem Maria e mostrar até que ponto ela pode ser imitada. É uma das bases do Concílio Vaticano II que quis mostrar, por diversos modos, a herdeira de nossa jovem doutora da Igreja, Teresa do Menino Jesus que, na realidade, quis mostrar que Maria tinha, como cada um de nós, caminhado naquilo que o Concílio chama: “*sua peregrinação de fé*”. Todos sabem que o Papa João Paulo II é um dos grandes artífices da aplicação do Concílio. Ele mesmo diz que não podemos compreender seu pontificado sem esta referência primordial do Concílio Vaticano II e, mais especificamente, sem este grande texto de Lumen Gentium que se conclui, como todos sabem, com o capítulo VIII que é dedicado à Virgem Maria. Para a Mariologia, os estudos Mariais e mesmo para a piedade Marial de hoje, este capítulo VIII é um texto de referência. Vivemos este ano o 20º aniversário da grande Encíclica que João Paulo II dedicou a Maria. *Redemptoris Mater* é uma meditação de Lumen Gentium e notadamente desta peregrinação na fé em

questão. Em *Redemptoris Mater*, o Papa diz que há uma relação entre Maria e a Eucaristia e que é um acontecimento da experiência constatada em todos os Santuários Mariais: Maria conduz os fiéis à Eucaristia.

Maria e a Eucaristia têm uma relação muito profunda; porque o Papa João Paulo II e seu sucessor Bento XVI nos convidam a viver a Eucaristia na Escola de Maria. Eu gosto de lembrar Dom Bosco e seu famoso sonho sobre “as três brancuras”<sup>1</sup>: tratava-se da pessoa do Santo Padre (que desde o século XVI é tradicionalmente vestido de branco, da Virgem Imaculada com a brancura do lírio, e da hóstia branca de nossas Eucaristias). Além da imagem, precisaria meditar a profunda relação teológica entre Pedro, Maria e a Eucaristia; entre o sacerdócio de Cristo, a Mãe de Cristo e o próprio Cristo sob as espécies sacramentais. Encontro aqui três “rochas humanas” que impedem nossa fé depreciar-se em gnose, degenerar-se em sistema ideológico, pois, o perigo de aí permanecer ao nível das idéias ou do discurso sempre espreita o cristianismo. Mas, nós o sabemos, é preciso amar em atos e em verdade; nossa fé não é construída em conceitos ou em teorias abstratas, mas em acontecimentos, fatos perceptíveis na história dos homens, notadamente na encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A Virgem Maria e a Eucaristia aparecem de certo modo como os dois parapeitos contra a tentação periódica de uma desvalorização da fé em gnose. A perfeição cristã não consiste em ter opiniões exatas sobre Jesus ou em conhecer seu catecismo de cor, mas em viver bem esta comunhão com o Corpo e o Sangue de Cristo que nos enche do Espírito Santo. Por isso, devemos nos apoiar nestas “rochas humanas”:

- A Eucaristia que não é abstrata, mas que é o Corpo do Senhor presente no tabernáculo.
- A Virgem Maria nos dá a garantia de que não pusemos nossa fé em idéias abstratas, mas numa pessoa de carne e de sangue: Jesus de Nazaré. Maria não gerou um brilhante sistema de pensamento, mas uma criancinha bem concreta! Ser cristão é colocar sua fé em Alguém. Jesus Cristo é o Verbo feito carne.

É preciso meditar sobre esta troca admirável da qual os Padres da Igreja falam e que fez com que Maria desse ao Filho de Deus o corpo que Ele não tinha. Talvez todos se lembrem deste bonito poema de Marie Noël que faz a Virgem Maria dizer:

*A humana Carne, ó meu Deus, vós não a tínheis,  
Para com eles partir o pão da refeição.  
Na primavera, tua carne moldou-se em mim  
Ó meu Filho, fui eu quem te deu esta carne*<sup>2</sup>.

Não se pode resumir melhor a profunda relação que une Maria à Eucaristia. Este corpo que recebemos na Missa em nossas mãos e em nossos lábios, é o mesmo que a Virgem Maria concebeu em seu seio!

### **AVE VERUM CORPUS**

Graças a Mozart, todos nós conhecemos este super-hino latino *Ave Verum* e estas palavras tão profundas e límpidas: “Ave verum Corpus natum de Maria Virgine”. O vínculo de Maria e da Eucaristia é evidente aqui. Nós o compreendemos bem visto que foi a Virgem que deu ao Verbo a carne que recebemos na Eucaristia.

“O corpo, entregue em sacrifício e representado sob as espécies sacramentais, era o mesmo corpo concebido no seu ventre!” diz João Paulo II em sua Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. Nesta Encíclica, o Papa dedica o sexto capítulo à Virgem Maria: “Na escola de Maria, mulher eucarística”. A Mãe de Deus pode ser chamada de uma certa maneira mãe da Eucaristia, pois, a Eucaristia é Cristo. Os outros sacramentos do Senhor são apenas a

consequência de sua ação, mas o Santíssimo Sacramento é o próprio Corpo do Filho de Maria. Há, pois, uma relação bastante especial entre a Virgem e a Eucaristia.

Os últimos anos do pontificado de João Paulo II foram marcados por este desejo de que toda a Igreja redescobrisse o tesouro da Eucaristia colocando-se na escola da Virgem Maria. Vocês se lembram que, nos últimos anos do pontificado de João Paulo II, houve um ano do Rosário (outubro de 2002 a outubro de 2003) que, conscientemente no pensamento do Papa, precedeu o ano da Eucaristia (outubro de 2004 a outubro de 2005) a fim de que a Virgem nos introduzisse no mistério da Eucaristia. Em seus últimos textos, quer seja a Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* (Quinta-feira Santa, 17 de abril de 2003) ou a Carta Apostólica *Mane nobiscum Domine*, ele faz a relação entre Maria e a Eucaristia.

Vejamus concretamente como Maria nos conduz à Eucaristia. Para entrar profundamente nesta espiritualidade eucarística da Virgem, é preciso retomar a Escritura. Uma das características principais da Mariologia do Concílio Vaticano II, é o de ter querido extrair na fonte das Escrituras e ser profundamente bíblico. É muito importante, notadamente numa perspectiva ecumênica que o nosso discurso sobre Maria seja bem fundamentado na Escritura. *“Mulher eucarística” em profundidade, a partir da sua atitude interior: da Anunciação, quando se ofereceu a si mesma para a encarnação do Verbo de Deus, até à cruz e à ressurreição; “mulher eucarística” no período depois do Pentecostes, quando recebeu no Sacramento aquele Corpo que Ela concebeu e carregou em seu seio*”<sup>3</sup>. De acordo com o ensinamento dos Papas João Paulo II e Bento XVI, descobrimos, com admiração, que a vida de Maria é a mais profunda catequese sobre a Missa.

## ANUNCIAÇÃO

Partamos da primeira das cenas que é a Anunciação. Primeiramente, Maria aparece no Evangelho de São Lucas na cena da Anunciação. E, quando olhamos de perto o relato da Anunciação, ele é apresentado por São Lucas, conscientemente ou não, como uma Missa. Sabemos que São Lucas, por exemplo, no texto dos discípulos de Emaús ou no livro dos Atos por ocasião do batismo do eunuco, construiu estes relatos de maneira litúrgica. O texto da Anunciação, também, aparece como uma verdadeira Missa.

### A SAUDAÇÃO: “O SENHOR ESTÁ CONTIGO”.

Em primeiro lugar vem a saudação do anjo Gabriel: *“Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo”* (Lc 1, 28). A Missa também começa com a saudação do Bispo ou do Padre. No Apocalipse, São João chama o Bispo, o Anjo da Igreja (Apoc. 2,1). Assim, o anjo da Igreja saúda o povo cristão que se reuniu para celebrar a Eucaristia dizendo-lhe as mesmas palavras que o anjo Gabriel dirigiu a Maria, isto é: *“O Senhor está contigo”*. O Bispo saúda a Igreja Esposa como o anjo saúda Maria, imagem da Igreja.

*“O Senhor esteja convosco”*, é assim que a Missa começa. No grego, no hebreu e no em latim, não há verbos. Assim que se diz: o Senhor *“esteja convosco”* ou *“está convosco”*, é a mesma coisa: *Dominus vobiscum*. Portanto, são as mesmas palavras com as quais a Missa começa e que o Anjo Gabriel dirigiu à Virgem Maria. Então, vocês vão me dizer: mas o Anjo disse a Maria: *kaire* de *kaiemene*, isto é, *“alegra-te, cheia de graça”*. Bonita saudação! Sempre se enfatiza que esta palavra *kaire* que o Anjo utiliza, na verdade, em grego original significa: *“alegra-te”*; o que já é formidável pensar que a primeira palavra que Deus dirige no alvorecer

de nossa Salvação, é “alegra-te”, este chamado à alegria. Mas, é preciso também dizer que esta palavra faz eco aos oráculos do profeta Sofonias ou do profeta Zacarias “alegra-te, filha de Sião, porque o Senhor está contigo, poderoso Salvador”. Mas também, em grego corrente, é o título que se reserva aos grandes personagens, é uma saudação formal. Gosto muito de lembrá-la porque é, sem dúvida, a coisa mais emocionante: Deus, quando se dirige à Virgem Maria por intermédio de seu Arcanjo Gabriel, emprega esta palavra que é reservada aos grandes personagens. Nos Atos dos Apóstolos, temos este tipo de designação quando Paulo saúda Festus ou Agrippa. Quando ele saúda estes grandes personagens, Paulo emprega a palavra *kaire*. Não é a denominação ou a interpelação vulgar como se diz em francês: Salve, oi! É uma expressão formal.

Vocês sabem, outro lugar no Evangelho onde se utiliza este *kaire* é um lugar bem surpreendente: o momento da Paixão do Senhor. Os soldados romanos que simulam o papel do rei e fazem de Jesus um rei por ironia, o saúdam dizendo: “*kaire*, rei dos judeus! Salve rei dos judeus!” Eles empregam esta expressão formal por ironia. Mas, isto mostra bem que esta saudação é aquela reservada apenas aos grandes personagens. Por isso, gosto muito que se tenha conservado na tradução francesa o tratamento vós “Eu vos saúdo” porque há esta tonalidade de devoção e de respeito do *kaire*.

É uma belíssima interpelação, uma bela saudação e, eu penso que, para os cristãos, quando se encontram na rua, ao se saudarem, ao invés de dizer “bom dia”, se dizem: “*kaire*” ou como os primeiros cristãos: “*O Senhor vem, maranatha*”, uma maneira de se exortar mutuamente à esperança e à alegria.

### **O RITO PENITENCIAL**

“*O Senhor está contigo*”, é assim que começa a Missa. Imediatamente depois desta saudação, nos dizem que Maria ficou profundamente confusa. Compreende-se! Receber a visita de um Arcanjo, já é algo surpreendente, embora Maria esteja familiarizada com este mundo celeste. Mas o que produz a dificuldade é a própria saudação. E por que ela ficou confusa? Provavelmente porque nunca se tinha mostrado tanto respeito e consideração à sua pessoa. Gosto de comparar esta surpresa de Maria com a inquietação da pequena Bernadete de Lourdes quando a Santíssima Virgem a tratou por vós: “*Quereis dar-me o prazer de vir aqui durante 15 dias?*”. Nunca alguém havia tratado a pequena Bernadete tão educadamente, nunca alguém lhe havia falado com tanto respeito. Então, Maria também, fica toda confusa diante do tratamento de respeito e desta denominação que é “Cheia de graça”. Esta confusão corresponde ao rito penitencial na Missa. A Igreja que há pouco foi saudada “*O Senhor está contigo*”, fica toda perplexa, reconhece-se indigna de uma tal presença, de uma tal saudação.

### **A ESCUTA DA PALAVRA DE DEUS**

Em seguida, há as palavras, a mensagem que o Anjo transmite claramente, como um bom mensageiro celeste. E Maria escuta esta palavra que o Anjo lhe diz em nome de Deus. Assim como na Missa, depois do rito penitencial, há a escuta da Palavra de Deus. Escutamos a Palavra de Deus. E aqui, evidentemente, podemos aprender com Maria a escutar a Palavra de Deus. Na iconografia cristã, sempre se representa Maria com seu livrinho colocado sobre os joelhos, dando a entender que ela meditava a Palavra de Deus. Não se sabe se ela sabia ler. Talvez sim ou talvez não, mas pouco importa, não obstante, ela é a mulher da Palavra de Deus e vê-se bem, através de seu Magnificat, até que ponto ela estava imbuída da Palavra de Deus. É importante escutarmos esta Palavra; a Virgem Maria, que é Nossa Senhora do Sim, nos ensina a escutá-la. Talvez, durante a Missa, é a parte que poderia ser mais bem enfatizada, de qualquer

modo, o Concílio Vaticano II reconstituiu um Lecionário rico e abundante, leituras abundantes e variadas da Palavra de Deus. Mas, infelizmente, é talvez a parte mais falha pelos fiéis, não só porque eles chegam atrasados, mas, sobretudo por falta de atenção dada à Palavra de Deus. Gosto de mencionar o texto de Orígenes (Padre da Igreja falecido em 253) que dizia: “da mesma maneira que ninguém gostaria de derrubar uma migalha do precioso corpo do Senhor, assim também é sacrílego e blasfematório deixar passar uma única palavra da Palavra de Deus”, porque a Palavra de Deus não tem menos valor do que o Santíssimo Corpo do Senhor. Portanto, a negligência na escuta da Palavra de Deus é repreensível da mesma maneira que a negligência na reverência ao Santíssimo Sacramento. Logo, é um apelo à vigilância e à escuta da Palavra de Deus.

## **A HOMILIA**

Em seguida, uma vez que escutou, a Virgem Maria faz uma pergunta: “*Como se fará isto, visto que não conheço homem algum?*”. É muito importante que as primeiras palavras da Virgem Maria sejam uma pergunta. Frequentemente os cristãos, e notadamente os jovens, se questionam se é permitido fazer uma pergunta, pensando que se se começa a perguntar sobre sua fé, é porque não se tem mais fé! Uma espécie de inquietação. Então, é legítimo e normal questionar-se. Mas, há maneiras de fazer perguntas, por exemplo: eu não compreendo bem tal coisa ou como se pode compreender tal coisa? Foi o que a Virgem Maria fez. Ela pergunta: “*Como se fará isto?*”. É a pergunta da homilia. O objetivo da homilia é questionar: “*Como se fará isto?*”, isto é, como a Palavra de Deus que acabamos de escutar vai se realizar concretamente na vida de cada um dos fiéis? Como esta Palavra será colocada em prática? Isto é a homilia. A homilia não é um curso de teologia, é uma conversa familiar. O termo grego “homilia” significa “conversa familiar”. (Na Grécia, nos ônibus, atrás do motorista, está escrito: é proibido fazer uma homilia ao motorista, isto é, conversar com o motorista). Eu gostaria que se recuperasse este estilo em nossas homilias. Não estamos mais no tempo dos Padres da Igreja onde o povo interpelava o orador e vice-versa. Havia aí uma espécie de diálogo sem seqüência lógica que se instaurava entre o povo e Deus. Hoje, nossas homilias são muito lentas!

Retomemos esta conversação familiar e façamos a pergunta ao texto: Como se fará isto? Em que esta Palavra de Deus me interpela e como eu vou colocá-la em prática?

## **A EPÍCLESE: “O ESPÍRITO SANTO VIRÁ SOBRE TI”**

Conhecemos a resposta a este “Como se fará isto?”: “O Espírito Santo virá sobre ti”. E é a resposta para todos os nossos como. Como eu vou evangelizar meu próximo? Como eu vou levar o Evangelho a todos estes incrédulos que eu encontro? O Espírito Santo virá sobre ti. Como vou conseguir perdoar esta Irmã que eu não posso suportar e que me faz raiva o tempo inteiro? O Espírito Santo virá sobre ti. O Espírito Santo é a resposta para todos os nossos como.

Na Missa, é no momento da epíclese que invocamos o Espírito Santo. Como este pão e este vinho vão se tornar o corpo e o sangue do Senhor? O Espírito Santo virá sobre eles. Como esta multidão de fiéis heterogêneos vai se tornar o povo de Deus, congregada no Corpo único de Cristo? O Espírito Santo virá sobre eles.

## **AMÉM! FIAT!**

Em seguida, vem o momento determinante do Fiat, o Sim de Maria. Provavelmente foi o momento mais considerável de toda a história da humanidade. O Verbo de Deus se encarna



no Sim que Maria pronuncia. O Cardeal de Bérulle dizia que este Sim de Maria era mais considerável em seus efeitos do que o Sim de Deus na manhã do mundo, pois, quando Deus criou a luz (Fiat lux), Ele começa a grande obra da criação. Este Fiat de Deus na manhã do mundo fez com que a criatura viesse à luz, enquanto que o Fiat de Maria fez que viesse o Criador, o Verbo de Deus que entra em nosso mundo.

O Papa João Paulo II coloca o Fiat de Maria em relação com o “Amém” que cada um dos fiéis é chamado a pronunciar no momento em que vai receber a Eucaristia: “O Corpo de Cristo! Amém!”. Eu trabalho para que este Amém pronunciado pelos fiéis seja dito distintamente, de uma maneira vibrante porque, em seu Fiat, Maria não o disse com os lábios. O verbo *denoïto* em grego traduz uma espécie de entusiasmo: “Oh sim! Que seja feito em mim segundo a tua palavra”. É com o mesmo entusiasmo que recebemos o Corpo do Senhor aderindo plenamente a este Senhor que se dá a nós. “*Existe, diz João Paulo II, uma analogia profunda entre o Fiat de Maria que responde às palavras do Anjo e o Amém que cada fiel pronuncia quando recebe o Corpo do Senhor*”.

### A ENCARNAÇÃO

Assim que Maria pronunciou seu Fiat, o Verbo se encarna nela e não antes.

Entre parêntese, no Ângelus tal como é dito hoje, encurtamos o Sim Marial. *O Anjo do Senhor anunciou a Maria. E ela concebeu do Espírito Santo.* Maria disse primeiramente Sim. Não foi porque o Anjo anunciou que o Senhor se encarnou. Foi porque Maria disse Sim. Outrora, respeitava-se mais este Sim Marial.

### A VISITAÇÃO

#### O ENVIO

Assim que Maria disse Sim, o Verbo se encarna nela e o anjo a deixou, diz o texto da Anunciação. É o tempo do envio. É preciso lembrar-se que a Missa é, essencialmente, um envio como o próprio nome o indica. Imediatamente, Maria voa para servir sua prima Isabel. É a cena da Visitação que começa aqui. E Maria, nos diz o Evangelho de Lucas, vai às pressas. Os Padres da Igreja se questionaram por que esta pressa. A primeira hipótese, é que Maria vai constatar o sinal que o Anjo acabava de lhe dar: “*Também a tua prima Isabel concebeu um filho na sua velhice e já está no sexto mês, ela, a quem chamavam estéril*”. Mas, rapidamente, os Padres da Igreja descartam esta hipótese. Maria não precisa constatar as declarações do Senhor, sua fé é total, ela é feliz porque acredita sem ter visto. Esta pressa só se explica por sua caridade, pois, como diz o Apóstolo: “*Caritas urget nos*” (A caridade nos impele); Maria tem pressa em colocar-se a serviço de sua prima Isabel.

É importante porque Maria nos ensina assim como a Eucaristia nos leva ao serviço de nossos irmãos. Aliás, não há sintoma melhor de uma “boa comunhão” do que esta prontidão para servir nossos irmãos. Sabemos que a Missa é frutuosa quando temos a prontidão para servir nossos irmãos. A insensibilidade em ir servir nossos irmãos é um sinal de que não recebemos como deveríamos a Eucaristia do Senhor. Como os Padres da Igreja o disseram e como o Catecismo da Igreja Católica o repete, a Eucaristia nos leva ao serviço dos pobres. A Eucaristia nos engaja com os pobres. Para receber na verdade o corpo e o sangue de Cristo entregue por nós, devemos reconhecer o Cristo presente nos pobres seus irmãos. Em sua Exortação Apostólica pós-sinodal sobre a Eucaristia, *Sacramentum caritatis*, Bento XVI fala de

coerência eucarística. *“Seria incoerente alimentar-se do Pobre sem alimentar os pobres”* dizia Santo Agostinho. É preciso alimentar-se do Pobre para poder alimentar os pobres. Portanto, a Eucaristia nos leva aos pobres nossos irmãos.

Aqui, pode-se fazer alusão aos 5 “P” da presença de Cristo:

- Cristo está presente no **Povo de Deus reunido em seu nome**
- Cristo está presente no **Padre, o ministro** que celebra
- Cristo está presente na **sua Palavra**
- Cristo está presente no **Pão eucarístico**
- Cristo está presente no **Pobre com o qual se identifica.**

### **CARREGAR DEUS EM SI**

Maria corre sobre as montanhas da Judéia, ela caminha nas alturas. O Senhor lhe dá a agilidade dos “cabritos” como diz a Escritura; ela tem o Céu, é normal que ela caminhe nas alturas. *“Ela é o primeiro tabernáculo da história, ela realiza a primeira procissão eucarística da história”*... todas estas expressões vêm de João Paulo II e de Bento XVI. Ela é a Virgem *théophore* (Isto é, que “leva Deus” nela).

Pode-se perguntar se nós temos um tal ardor, um tal entusiasmo quando saímos da Missa. O Cura d’Ars tinha uma expressão bem eloqüente para expressar isto, ele dizia: *“Seria necessário que os cristãos voltassem para casa depois da Missa felizes como os Reis Magos se eles tivessem podido levar o Menino Jesus para suas casas”*. Somos como *théophores* quando vamos comungar, assim como a Virgem é *théophore*. Carregamos Deus e O levamos em nossas visitas diárias. A cena da Visitação, nós a vivemos depois de uma Missa porque vamos nos encontrar com as pessoas. Imaginem um marido que vê sua esposa voltar da Missa e lhe diz: *“De onde me vem que aquela que carrega o Senhor venha me visitar?”*. *Quando no momento da Visitação*, escreve o Papa João Paulo II, *Maria carrega em seu seio o Verbo feito carne, ela se torna de certo modo o primeiro tabernáculo da história no qual o Filho de Deus, ainda invisível aos olhos dos homens, se apresenta à adoração de Isabel, irradiando sua luz através dos olhos e da voz de Maria: “De onde me vem que a mãe do meu Senhor venha me visitar?”*.

Gosto da Palavra da Escritura no Livro do Êxodo onde Deus diz a Moisés: *“Constrói para mim um santuário para que eu possa habitar no meio deles”*. Os cristãos, que saem da Missa depois de ter recebido a comunhão, podem ouvir esta palavra. Somos o santuário que permite Deus morar no meio dos homens. O Senhor estará presente na festa de família que reuniu todas estas pessoas que não pensaram absolutamente em santificar a festa de Natal indo à Missa, mas a tia idosa, ela lá estava e leva Deus a esta festa de família esquecida do mistério de Natal.

### **A ÇÃO DE GRAÇAS**

Maria é saudada por Isabel como “a arca da Aliança”. Sabemos que o relato da Visitação é inteiramente reproduzido na subida da arca da Aliança para Jerusalém que pára na casa de Obededum onde as mesmas palavras são pronunciadas. E Maria pronuncia seu Magnificat. Assim como Myriam, Irmã de Moisés, pronunciou este grande canto que exortava todo o povo ao louvor, Maria exorta ao louvor. Ela é o “tamborileiro” da Igreja, o igumen da Igreja que conduz a Igreja inteira na oração e no louvor. O Papa João Paulo II diz: *“Se o Magnificat exprime a espiritualidade de Maria, nada melhor do que esta espiritualidade pode ajudar-nos a viver o mistério eucarístico. Recebemos o dom da Eucaristia, para que a nossa vida, à semelhança da de Maria, seja toda ela um magnificat”*.

Quando se relê o Magnificat, percebe-se que o que Maria fez, foi dar graças a Deus, ela faz a Eucaristia visto que Eucaristia significa dar graças. Vêm-se à Missa para dizer obrigado. Maria dá graças em seu Cântico do Magnificat fazendo memória, pois (infelizmente, a tradução francesa não permite perceber isto) os verbos estão no passado no Magnificat: o Senhor elevou os humildes, saciou os famintos, despediu os ricos de mãos vazias, etc. Portanto, no Magnificat, faz-se memória de todas as obras do Senhor e por elas damos graças. Dar graças fazendo memória ou fazer memória dando graças, é a Missa. Quando se vai à Missa dá-se graças fazendo memória: *“Fazendo aqui memória da morte e da ressurreição”*. Dá-se graças e é importante lembrar-se de que a Missa é feita para agradecer. Orígenes dizia: “Os cristãos celebram a Missa porque não são ingratos”. Nossa gratidão para com Deus se expressa através da Eucaristia. *“Como darei graças ao Senhor por todo bem que Ele me fez?”* diz o Salmo. E vocês sabem a resposta que é o versículo seguinte: *“Elevarei o cálice da salvação”*. A maneira que os cristãos podem agradecer é a Eucaristia, pois, a Eucaristia é o agradecimento de Cristo ao seu Pai: “Pai, dou-te graças, pois, sei que Tu sempre me escutas”. A Missa é ação de graças ao Senhor por todos os benefícios que ele fez por nós.

É o melhor da espiritualidade judaica e Maria se mostra a verdadeira filha de Sião visto que a espiritualidade judaica é marcada e distinguida por estas bênçãos incessantes para todas as circunstâncias da existência. Maria nos ensina a fazer de nossa vida uma Eucaristia: *“dai graças a Deus em todas as circunstâncias”* diz São Paulo através dos Salmos, dos hinos e dos louvores livres: dar graças mesmo quando nos acontece algo difícil, sempre há um elemento pelo qual podemos dar graças. Dizer com São Paulo: “o que sou, eu o sou pela graça de Deus”. Quanto mais Maria poderia dizer isto.

## A NATIVIDADE

E em seguida, chegamos aos relatos de **Natal** e da infância e, assim, terminamos o ciclo da Natividade. A relação entre Natal e a Eucaristia é, evidentemente, bem conhecida. Eu não preciso insistir nisto:

- Jesus nasce em Belém (em hebreu, Belém significa a casa do pão),
- Jesus nasce numa manjedoura manifestando desde o início que Ele deseja dar-se em alimento, que Ele é o verdadeiro pão da vida.

Depois, vem a **visita dos pastores e magos**. Aqui também, se retomarmos o relato da epifania em São Mateus, há uma espécie de Missa que se realiza. O que fazem os reis magos? Em primeiro lugar, eles se reúnem, depois, escutam a Escritura (Em Jerusalém, lê-se a eles o livro do profeta Miquéias), em seguida, eles adoram Jesus com Maria no presépio. Eles trazem presentes, vivem um ofertório e recebem a presença de Jesus Cristo. Quando eles levam os presentes para Jesus, evidentemente, não é o Menino Jesus que os leva, mas é Maria. Portanto, seus presentes vão passar pelas mãos de Maria. É a Virgem Maria que recebe o ouro, o incenso e a mirra e que os dará, em seguida, para Jesus. Nós também podemos fazer nossos presentes passarem pelas mãos de Maria. O que trazemos a Jesus, façamo-los passar pelas mãos de Maria.

## ADORAÇÃO EUCARÍSTICA

A epifania é também como uma Missa que termina na adoração; pois os magos vieram adorá-Lo. Aqui também, tanto em João Paulo II quanto em Bento XVI, há um convite poderoso para se recuperar o sentido da adoração eucarística. Em *Sacramentum caritatis* n° 66, o Papa

Bento XVI lembra que isto tem todo seu sentido de adoração à Eucaristia, contrariamente do que se pode dizer que a Eucaristia foi feita para ser comida e não para ser adorada. O Papa cita Santo Agostinho que, já, mostra que não se pode comer a Eucaristia porque a adoramos, e a adoramos porque ela é chamada a se tornar também nosso alimento; e que há um vínculo entre a adoração e a manducação da Eucaristia. Os magos se prostram diante do Menino Jesus. Será que temos o sentido da adoração? Antes de falar, nossos gestos silenciosos, nossa maneira de nos inclinar ou de nos ajoelhar pode expressar nosso espírito de adoração.

## APRESENTAÇÃO AO TEMPLO

### A EUCARISTIA É O SACRIFÍCIO DE TODA A IGREJA

É a Virgem que oferece seu filho, que vem apresentá-Lo; pois a Apresentação, não é uma apresentação no sentido de que a Virgem Maria apresentaria seu filho a Deus. É uma oferenda. O templo é o lugar do sacrifício, como as duas pombinhas no-lo lembram. Aqui, nós já entramos na dimensão sacrificatória da Eucaristia. A Eucaristia é o sacrifício de toda a Igreja: Jesus se oferece a seu Pai e Jesus é oferecido pela Igreja, pela Virgem Maria que representa a Igreja.

Temos consciência de que o sacrifício da Missa é o sacrifício de toda a Igreja? Isto significa que nós mesmos somos “oferendas” quando estamos na Missa! Além disso, dizemos na Oração eucarística: “Que o Espírito Santo faça de nós uma oferenda eterna à sua glória”. A dimensão sacrificatória da Eucaristia é, evidentemente, essencial. O que se vem fazer na Missa? Vem-se oferecer-se a Deus com Cristo que se oferece. Na Missa, não se dá só um pouco de dinheiro, mas se dá inteiramente, a coleta é o simbolismo deste oferecimento de si mesmo. Na Missa, aproveita-se do “ascensor Cristico”. Com efeito, a Missa é a oferenda que Cristo faz d’Ele mesmo a seu Pai. E nós, nós nos unimos a Cristo para nos oferecer com Ele. Cura d’Ars, com sua maneira bem particular de negociar com Deus (como Abraão), quando celebrava a Missa dizia a Deus-Pai: “*Eu vos dou o vosso Filho, mas vós me dareis o que vos peço*”. E ele obtinha tudo! Em cada Missa, nós nos oferecemos com Cristo a seu Pai.

No momento desta cena da Apresentação, Maria entendeu o quanto, ela também, teria de se oferecer com seu filho quando o Sacerdote Simeão lhe diz: “*E tu, uma espada transpassará tua alma*”. Então, esta oferenda de nós mesmos não é apenas expressa oralmente, mas simbolicamente através dos gestos. É esta gotinha de água, que se põe no cálice, e que passa tão freqüentemente despercebida, mas que somos nós próprios: “Como esta água se mistura com o vinho para o sacramento da Igreja...”. No século III, São Cipriano já dizia aos aquariens que queriam celebrar a Missa somente com água: “é necessário celebrar a Missa com vinho, mas o vinho com um pouco de água porque esta água, somos nós”. Se oferecermos só o vinho, é Deus que se oferece sem nós. E se oferecermos só a água, somos nós que nos oferecemos sem Deus. Com esta gotinha de água no vinho, é o Senhor Jesus ao qual nós nos unimos que se oferece a Deus seu Pai.

O Concílio Vaticano II trabalhou muito para que todos os fiéis tivessem uma participação consciente, ativa e frutuosa na Eucaristia. E, isto foi sempre traduzido de maneira muito fraca, muito abaixo do que o Concílio quis dizer pelo fato de que é a Senhora X que faz leitura, é o Senhor Y que toca o violão e é a Senhora Z que faz a coleta. Não é esta a participação consciente, ativa e frutuosa, mas é também de ensinar a todos os cristãos que, quando eles estão na Missa, não devem jamais estar lá como espectadores, mas se oferecem a si

mesmos. A participação consciente, ativa e frutuosa, significa: “é meu sacrifício, sou eu que me ofereço com Cristo”. Logo, somos os atores no sacrifício de Cristo.

## CANÁ

### A ORAÇÃO DE INTERCESSÃO REZADA COM CONFIANÇA

Em seguida, vem a cena de **Caná**. A Missa é o lugar da oração comunitária; pode-se oferecer a Missa por intenções particulares, por exemplo. E Maria nos ensina a interceder. Em Caná, ela diz a seu filho: “*Eles não têm vinho*”. E esta maneira de Maria rezar é muito preciosa. Rezar nunca pode consistir em falar a Deus o que ele deve fazer. Nossa oração parece sempre com isto: “Meu Deus, que minha vontade seja feita!”. Rezar não pode consistir em dizer a Jesus: “*Fazei tudo o que eu digo!*”. Maria nos mostra o contrário, dizendo: “*Fazei tudo o que Ele vos disser*”. Rezar não pode consistir em dizer a Deus: “Senhor, escuta, teu servo fala”. Rezar consiste em dizer: “*Senhor, fala, teu servo escuta*”. É preciso sempre inverter nossa maneira de rezar. Da mesma maneira, não se pode rezar no imperativo dizendo: “Senhor, faz isto, faz aquilo”. Maria não se dirige a Jesus no modo imperativo. Ela diz: “Senhor, eles não têm vinho”. O Senhor é bastante grande para saber o que deve fazer. Um pouco como as irmãs de Lázaro, Marta e Maria: elas não vêm falar com Jesus dizendo-lhe: “Senhor, faça algo, ele está doente, venha curá-lo”, mas elas dizem: “*Senhor, aquele que tua amas está doente*”. Apresenta-se a Deus a situação e Ele sabe o que é bom para nós. E no caso de Lázaro, Jesus vai agir, não indo curar Lázaro, mas de maneira bem mais gloriosa e mais poderosa ainda, pois Ele sabe o que é bom.

### O SACERDÓCIO BATISMAL

Portanto, esta confiança de Maria que ainda não viu nenhum milagre e que, no entanto, diz espontaneamente: “*Fazei tudo o que Ele vos disser*” e que sabe que basta dizer a Jesus: “*Eles não têm vinho*” para que Ele intervenha. A confiança de Maria em seu filho e sua solicitude para conosco. No relato de Caná, Maria intervém considerando que ninguém a pediu nada e que, talvez, ninguém percebeu que faltava vinho. Mas, ela viu a angústia humana e a apresenta a seu filho. E se diz que se Maria intervém assim por aqueles que não lhe pedem nada, quanto mais ela deve intervir por aqueles que, diariamente, lhe dizem: “Rogai por nós, Santa Mãe de Deus, pobres pecadores, agora e na hora de nossa morte”.

Em Caná, Maria exerce seu papel sacerdotal. Ela fala dos homens a Deus: “*Eles não têm vinho*”; ela fala de Deus aos homens: “*Fazei tudo o que Ele vos disser*”. Ela faz a ponte, ela faz a ligação. No entanto, o sacerdote faz a ligação entre o Céu e a terra. Nós que somos marcados pelo sacerdócio batismal, o que fazemos? Quando estamos diante de Deus, falamos-lhe dos homens, daqueles que encontramos, rezamos uns pelos outros; quando estamos diante dos homens, falamos-lhes de Deus. Faz-se a ligação. É isto o sacerdócio batismal, é levar a terra a Deus e levar Deus à terra.

### “FAZEI ISTO EM MEMÓRIA DE MIM”

Dizendo “*Fazei tudo o que Ele vos disser*”, Maria faz-se o eco de Israel fiel que, no momento da Aliança no Sinai, repetiu como um refrão: “*Tudo o que o Senhor disse, nós o faremos*”. Isto volta sempre. Desde que Moisés disse todas as palavras da Aliança, todo o povo ratifica: “*Tudo o que o Senhor disse, nós o faremos*”. Maria que é o Israel fiel, diz: “*Fazei tudo o que o Senhor disser*”. Evidentemente, o Papa João Paulo II relaciona a ordem de Maria: “*Fazei tudo o que Ele vos disser*” à ordem de Jesus: “*Fazei isto em memória de mim*”. Há uma

relação entre estas duas ordens e quando celebramos a Missa em memória de Jesus, assim como Ele nos pediu que o fizéssemos, cumprimos, entramos neste conselho da Virgem Maria: *“Fazei tudo o que Ele vos disser”*.

### **O FESTIM DAS NÚPCIAS DO CORDEIRO**

Com a solicitude materna com a qual ela testemunha as bodas de Caná, Maria parece nos dizer: não hesitem, tenham confiança na palavra de meu filho; Ele, que foi capaz de mudar a água em vinho, é também capaz de fazer do pão e do vinho seu corpo e seu sangue. Evidentemente, Cana é um milagre eucarístico: a água mudada em vinho representa o vinho mudado em sangue. É de certo modo uma primeira transubstanciação e é bom também lembrar que na Missa, não há apenas pão, mas há vinho. Há o pão da necessidade e o vinho da festa. E é bom lembrar-se que a Missa é também o festim das núpcias do cordeiro.

Nos primeiros tempos da Igreja, as Eucaristias eram ligadas aos encontros de confraternização. Os cristãos se reuniam (discretamente visto que era uma época de perseguição), eles tomavam uma refeição fraterna entre eles e a um certo momento, o presidente da assembléia batia na mesa dizendo *“Sursum corda”*, isto é, *“Elevemos o nosso coração”* e passava-se à Eucaristia propriamente dita. É importante recuperar este aspecto festivo e, sobretudo, fraterno da Eucaristia. É um almoço fraterno, é a refeição do Senhor com uma nota de alegria.

Entre parênteses, quando, para uma Eucaristia, colocamos só um pouquinho de vinho na galheta, como representar a abundância do banquete messiânico? Nossos sinais sacramentais são sempre reduzidos a tão poucas coisas que eles se tornam imperceptíveis. É a mesma coisa no batismo ou na confirmação. Para significar o fluxo impetuoso da graça divina, o Padre batiza com três minúsculas gotinhas de água! Para confirmar, o óleo deve fluir *“na barba de Arão”*, mas o Bispo freqüentemente faz um pequeno sinal no crismando. Os sacramentos são sinais que traduzem o que significam, mas se os sinais são reduzidos a quase nada, não há mais sacramento. Portanto, é importante que os sinais sejam sinais.

### **AO PÉ DA CRUZ**

#### **UMA ESPADA TRANSPASSARÁ TUA ALMA**

Desde o começo do Evangelho, a Cruz é em filigrana as menores ações e gestos de Jesus. Ela é anunciada em todos os lugares misteriosamente. O drama pascal é apenas o apogeu de um combate que foi o de Cristo ao longo de seu ministério terrestre.

Além disso, tem-se dificuldade em situar o início da Paixão do Senhor.

Desde seu nascimento, ele habita no fundo de uma gruta, envolvido em panos como uma múmia em seu sepulcro; os magos trazem-lhe a mirra, presságio de seu sepultamento; Herodes tenta fazê-lo perecer; Simeão prediz que uma espada transpassará a alma da Virgem, sua Mãe; Raquel chora em Ramá a morte dos Santos Inocentes; José deve conduzir em exílio a Santa Família.

Quando Jesus cresceu, fica como que enterrado nesta indigna aldeia de Nazaré; quase não aparece aos olhos dos homens que o chamam, o filho do carpinteiro; ele se perde e seus pais aflitos o procuram durante três dias como para anunciar os três dias de sua morte.

Quando ele começa sua vida pública, é designado pelo Batista como o Cordeiro de Deus, aquele é requerido para o sacrifício; desce nas profundezas da terra, imerso nas águas anunciadoras deste batismo que Ele demora realizar (cf. Lc 12, 50); a pomba, animal oferecido

em sacrifício para seu resgate, significa o espírito com o qual Ele fará o oferecimento de si ao Pai (cf. He 9, 14); e a voz do Pai o designa como Filho bem-amado, isto é, como o novo Isaac...

Quando Ele opera milagres, seus acusadores buscam apenas perdê-lo cada vez mais. Quando Ele ensina às multidões, O chamam de blasfemador. Quando Ele vem ao casamento, o tomam por bêbado e comilão... Realmente, o velho Simeão tinha razão quando profetizou a Maria: “Este menino será um sinal de contradição e de queda e o soerguimento de muitos em Israel”.

Esta frase, Maria a meditou através de tantos acontecimentos que ultrapassavam seu entendimento humano, mas que na fé ela sabia que eram a realização do desejo de Deus. Ao pé da Cruz, Maria não podia lembrar-se deste dia em que, com José, ela foi apresentar seu filho primogênito no Templo. Esta apresentação já era uma oferenda. Em Israel, a lei era oferecer a Deus tudo o que era primeiro: os primogênitos do rebanho, os primeiros frutos das colheitas, o filho primogênito da família. Assim, tinha-se consciência de dar a Deus o que se havia recebido d’Ele. “Tu és bendito, Deus do universo, tu que nos destes estes bens, nós os apresentamos a ti...”. É o mesmo movimento da Missa: o sacrifício eucarístico pelo qual damos graças.

### **O SACRIFÍCIO DA CRUZ**

Maria, ao pé da Cruz, como outrora no Templo, é a Virgem oferente. Em *Ecclesia de Eucharistia* (nº 56), João Paulo II escreve: “*Preparando-Se dia a dia para o Calvário, Maria vive uma espécie de « Eucaristia antecipada », dir-se-ia uma « comunhão espiritual » de desejo e oferta, que terá o seu cumprimento na união com o Filho durante a Paixão*”. Ela nos faz entrar na dimensão sacrificatória da Eucaristia. Ela está plenamente associada ao sacrifício de seu Filho. Ela representa a Igreja que, na Missa, se oferece com Cristo. O papel de Maria na Missa está em função de seu papel no sacrifício redentor visto que a Missa não é outra coisa senão o sacrifício da Cruz.

Este papel único que Deus confiou a Maria e que ela exerceu toda sua vida e, sobretudo, no Calvário é o de “colaboradora na Redenção” como diz João Paulo II <sup>4</sup>. E como cada vez que é celebrado o sacrifício eucarístico, é “obra de nossa redenção que se torna realidade”, então, ele não duvida que Maria traga sua ajuda a cada uma de nossas Missas.

### **O SACRIFÍCIO DE TODA A IGREJA.**

Com efeito, a Missa é o sacrifício do Cristo total, isto é, do Cristo-Cabeça e do Cristo-Corpo. Ora, o Corpo de Cristo, é a Igreja que, perfeitamente unida ao Cristo-Cabeça, se oferece com Ele. Por isso, o Padre diz: “*Rezemos juntos para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus e por toda a Igreja*”.

Maria, desde a Anunciação, “entregou-se totalmente, abraçando de todo o coração o desígnio salvador de Deus” <sup>5</sup>. No Calvário, ela é a imagem admirável da Igreja que oferece e apresenta a si mesma junto ao que oferece. Ela nos ensina a viver o sacrifício de toda a Igreja para a glória de Deus e a salvação do mundo.

Certamente, é Jesus que se oferece a seu Pai, mas nós nos oferecemos com Ele, como os membros de seu Corpo. Cristo oferece sua Igreja e isto é simbolizado a nível de rito pela pequena gota de água que o Padre coloca no cálice com o vinho. Esta gotinha de água: somos

nós. Quando misturamos a água com o vinho no cálice, é o povo que forma apenas um com Cristo.

Na oração eucarística, os verbos estão no plural: “Rezamos, oferecemos...”. No sacrifício eucarístico, encontramos a possibilidade de nos associarmos ao movimento de Cristo que se oferece a seu Pai. Trata-se, de acordo com a palavra de São Paulo, de “oferecer nossa pessoa como um sacrifício vivo, Santo, agradável a Deus, aqui está o culto espiritual que temos que dar (Rm 12,1). Quando os cristãos vão à Missa, eles se oferecem ao Pai junto com Cristo no altar.

### **O MEMORIAL**

Os fiéis estão ao pé do altar como Maria estava ao pé da Cruz. A Missa é o sacrifício do Calvário tornado sacramentalmente presente. Ela não constitui somente a evocação do acontecimento da Paixão e da morte do Senhor, ela é a “reapresentação” sacramental desta. “É o sacrifício da Cruz que se perpetua ao longo dos séculos” diz o Concílio Vaticano II <sup>6</sup>. A elevação da hóstia representa a elevação de Jesus na Cruz e de Jesus na glória. Na Missa, fazemos memória da morte e da ressurreição de Cristo.

### **A ÚLTIMA CEIA E A CRUZ**

De que maneira Maria participou da Ceia? Ela estava presente quando Jesus instituiu o sacrifício eucarístico? Os Evangelhos não o dizem. Certamente, pode-se dar por provável que ela foi ao cenáculo naquela noite, visto que, no dia seguinte, nós a vemos em Jerusalém para acompanhar seu filho no Golgota?<sup>7</sup> Mas, pode-se também dizer que, ela não precisou participar da prefiguração do sacrifício, ela que foi tão estreitamente associada ao próprio sacrifício.

Na quinta-feira Santa, Jesus preparou antecipadamente para seus discípulos os alimentos da vida eterna. Deus não quis recriar o homem na Páscoa de Cristo sem ter a certeza de que este novo homem tivesse do que se sustentar. Por isso, na véspera da morte de Cristo, Ele instituiu o alimento do mundo novo. A Ceia e a Cruz são inseparáveis no plano de Deus. A Eucaristia resulta desta unidade.

### **O ÚNICO SACRIFÍCIO DA CRUZ**

A Missa, é o sacrifício de Cristo, não um outro, pois, este sacrifício é único. Ela é a atualização deste; a Missa não está além ou no lugar. Ela é o sacrifício único do Calvário tornado presente. A Missa renova o acontecimento da Cruz celebrando-a (e não a reiterando) e ela o celebra renovando-a (não somente fazendo memória deste). Pode-se dizer que a Missa “representa” o sacrifício do Calvário com a condição de levar o verbo a representar em seu sentido forte: o tornar presente.

O Concílio Vaticano II expressa esta verdade numa frase impressionante: “*Sempre que no altar se celebra o sacrifício da cruz, na qual “Cristo, nossa Páscoa, foi imolado”, realiza-se também a obra da nossa redenção*”<sup>8</sup>. Isto significa o quanto a Virgem Imaculada está presente em cada uma de nossas Missas, pois, nela “a Igreja vê e exalta o mais excelso fruto da Redenção”<sup>9</sup>.

***AO PÉ DA CRUZ ENCONTRAVA-SE SUA MÃE*** (Jo 19, 25)



Por estas simples palavras, o Evangelho nos ensina que dali em diante nenhuma Missa pode ser celebrada sem a presença de Maria. Considerando que a Missa é o sacrifício do Calvário, a Virgem está lá de pé junto aos nossos altares, e é ela, imagem da Igreja quem oferece seu Filho para a salvação do mundo.

Ela vive o que o Papa João Paulo II chamou “a mais profunda “kénose” da fé na história da humanidade”<sup>10</sup>. Com efeito, ela constata exatamente o oposto de tudo o que o Anjo Gabriel lhe havia anunciado. Aquele que devia ser grande é o deboche de todos, aquele que devia subir no trono de Davi é levado à forca, aquele cujo reinado devia ser sem fim, morre na Cruz. E mesmo assim, Maria acredita na realização das promessas de Deus transmitidas pelo Anjo. Ela crê! Ela crê apesar de todas as aparências, como apesar de tudo, nós acreditamos no Cristo presente nas espécies eucarísticas. Quem comunga deve também aceitar esta kénose da fé. Ele acredita na Palavra de Jesus: “Isto é meu corpo” embora todos os sinais sensíveis lhe mostrem que é pão.

### **“MULHER EIS AÍ TEU FILHO” (Jo 19, 26)**

Assim como em Caná, Jesus interpela sua mãe por este vocativo “Mulher” que a manifesta como a Mulher por excelência, a nova Eva. Recebendo o discípulo bem-amado no lugar e em nome de Jesus, Maria aceita despojar-se de sua maternidade divina.

Quando o soldado romano perfurou o coração de Jesus, já morto, é Maria trêmula e de pé junto à Cruz quem recebe este golpe em sua alma, de acordo com a profecia do velho Simeão: “E tu, uma espada de dor transpassará tua alma”. É este coração aberto de Maria que recebe misticamente o sangue escorrendo do coração aberto de Jesus.

Maria é junto à Cruz a Igreja comungante.

## **DA PÁScoa AO PENTECOSTES**

Os Evangelhos nada nos dizem de Maria no dia da Páscoa. Embora se possa pensar que ela foi agraciada com uma aparição pascal do Senhor ressuscitado, isto não é mencionado. Por outro lado, a Escritura nos assinala a presença da Mãe de Jesus no Cenáculo, reunida com toda a Igreja, à espera do Espírito Santo (cf. At 1, 14).

### **A Mãe da Igreja**

Aquela que concebeu o Salvador no Natal devia dar à luz a Igreja em Pentecostes. Com efeito, o Pentecostes é de certo modo o “nascimento” da Igreja. Se a Igreja é concebida desde a origem, na qualidade que é “no desejo de Deus de salvar todos os homens”<sup>11</sup>, por outro lado, ela nasceu em Pentecostes. Pelo poder do Espírito, a Igreja sai do Cenáculo como para seu parto. Maria preside a este nascimento, ela é Mãe da Igreja que é o Corpo de Cristo. Não é, evidentemente, comum que o mesmo lugar seja o da instituição da Eucaristia e o do nascimento da Igreja no dia de Pentecostes. A Igreja nasce da Eucaristia. A Eucaristia faz a Igreja. Pentecostes corresponde em nossas liturgias eucarísticas à segunda epíclese pela qual pedimos que o Espírito Santo faça de nós um só corpo. Maria que viveu sua primeira epíclese na hora da Anunciação, quando o Espírito a cobriu com sua sombra para que nela o Verbo se encarnasse, vive aqui uma segunda epíclese. O Espírito a envolve em sua missão de Mãe da Igreja.

Para dizer a verdade, cada Missa é um pequeno Pentecostes onde a Igreja reunida inunda-se do Espírito, estreita seus laços de caridade e é enviada ao mundo. Os fiéis deveriam

sair da celebração Eucarística como os Apóstolos saíram do Cenáculo no dia de Pentecostes: cheios de alegria e proclamando a todos as maravilhas de Deus. A Eucaristia faz a Igreja apostólica e missionária.

Na hora da Eucaristia, fonte e ápice da vida cristã, estamos reunidos para ser enviados. A Igreja é este coração de caridade que bate continuamente.

### **A IGREJA UNÂNIME!**

Como Maria viveu no meio desta primeira comunidade cristã que o Livro dos Atos nos mostra “assídua na fração do pão” (At 2, 42)? Quais seriam seus sentimentos e sua disposição enquanto participava da celebração eucarística, presidida pelos Apóstolos? Ela havia estado tão intimamente associada à Paixão do Senhor, como celebrava ela este *memorial*? “*Impossível imaginar os sentimentos de Maria, pergunta-se o Papa João Paulo II, ao ouvir dos lábios de Pedro, João, Tiago e dos outros apóstolos as palavras da Última Ceia: “Isto é o meu corpo que vai ser entregue por vós” (Lc 22, 19). Aquele corpo, entregue em sacrifício e presente agora nas espécies sacramentais, era o mesmo corpo concebido no seu ventre! Receber a Eucaristia devia significar para Maria quase acolher de novo no seu ventre aquele coração que batera em uníssono com o dela e reviver o que tinha pessoalmente experimentado junto da Cruz*”<sup>12</sup>.

Os Atos dos Apóstolos nos dão uma imagem impressionante da Igreja primitiva, desta comunidade onde todos “tinham um só coração e uma só alma”. Esta unanimidade nasce da participação assídua na “fração do pão” (At 2, 42), sacramento de unidade da Igreja.

### **A FRAÇÃO DO PÃO**

Este gesto de partir o pão no rito judeu, Jesus o realizou várias vezes (Mt 14,19; 15,16; Mc 8,6.19). Foi através deste gesto, aparentemente típico, que os discípulos de Emaús reconheceram o Ressuscitado (Lc 24,31).

Por que Jesus parte o pão? Além do aspecto prático, este gesto possui acima de tudo um alcance sacrificatório: não significa somente partilha, mas imolação. Com efeito, este pão é Ele próprio. Partindo o pão, Jesus atesta que Ele será quebrado e esmagado por causa de nossas perversidades como o Servo sofredor do qual fala o profeta (Is 53, 5). É este sacrifício que é oferecido em cada Eucaristia.

O rito da fração do pão existe nas nossas Missas: o Padre parte o pão durante o *Agnus Dei*. A apresentação geral do Missal romano diz o seguinte: “Este rito não tem tanto um motivo prático, mas significa que nós, apesar de muitos, nos tornamos um só Corpo, pela Comunhão do mesmo pão da vida que é Cristo (1 Co 10,17).

A fração do pão significa a unidade da Igreja que é o fruto principal da Eucaristia.

O rito do abraço da paz expressa o último efeito da Eucaristia, “formar a Igreja”, fazer da Igreja uma comunhão de Santos: a comunhão das pessoas Santas unidas na comunhão às coisas santas. O último efeito da Eucaristia é a unidade da Igreja. A “finalidade” da Eucaristia não é primeiramente de tornar Cristo presente no altar ou no tabernáculo, mas de “formar Igreja”. Comungamos o Corpo de Cristo para nos tornarmos um em Cristo, para que todos juntos, permaneçamos numa comunhão cada vez mais intensa, unidos pelos vínculos da caridade que é o Espírito Santo no qual ficamos inundados na Eucaristia.

É a Eucaristia que dá à Igreja condições para ser cada vez mais “o sacramento da unidade do gênero humano” de acordo com a bonita definição do Concílio Vaticano II. No entanto, a Igreja contempla na Bem-aventurada Virgem Maria, criatura imaculada, virgem e mãe, seu próprio mistério. Em Maria elevada à glória do céu, a Igreja reconhece ao que ela é chamada a se tornar, seu “ícone escatológico”.

## O ÁPICE E A ASSUNÇÃO

O que aconteceu com Maria depois do dia de Pentecostes? A Escritura nada diz explicitamente sobre este assunto. Mas à luz da Palavra de Deus, a Igreja definiu a Assunção da Virgem Maria. Maria foi recebida, em corpo e alma, na glória divina. O poder transformador da Eucaristia alcançou seu pleno efeito na humilde Serva do Senhor. Ela é o penhor da vitória futura, total e definitiva que nosso Salvador Jesus Cristo nos dará “*quando ele transformará nossos pobres corpos semelhantes ao seu corpo glorioso*” (cf. Fil 3, 21). João Paulo II nos convida a nos dirigir a Nossa Senhora da Assunção para entrar sempre mais profundamente no mistério luminoso da Eucaristia que é o mistério de Cristo e da Igreja: “Ponhamo-nos, sobretudo à escuta de Maria Santíssima, porque n'Ela, como em mais ninguém, o mistério eucarístico aparece como o mistério da luz. Olhando-A, conhecemos a força transformadora que possui a Eucaristia. N'Ela, vemos o mundo renovado no amor. Contemplando-A elevada ao Céu em corpo e alma, vemos um pedaço do “novo céu” e da “nova terra” que se hão-de abrir diante dos nossos olhos na segunda vinda de Cristo. A Eucaristia constitui aqui na terra o seu penhor e, de algum modo, antecipação: “Veni, Domine Iesu” (Ap 22, 20)!<sup>13</sup>.

Existe um vínculo misterioso entre os mistérios da Assunção e o da Eucaristia. O que nos valeu a Encarnação não subsiste entre nós por nada de corporal que lhe pertence. Porém, a ausência total do corpo de Maria sobre esta terra é, do ponto de vista de nossos sentidos, o oposto da presença real do Senhor na Eucaristia. Maria em sua Assunção parece nos falar: “convém-vos que eu vá (cf. Jo 16,7) porque a presença do Corpo que meu Filho vos deixou é melhor”. Pela Eucaristia, Deus permanece substancialmente presente na Igreja. Na Assunção, contemplamos a Igreja, representada por Maria, já misteriosamente presente em Deus. No tabernáculo, Deus está conosco no tempo; no Céu, estaremos com Ele eternamente.

## Conclusão

A Igreja se volta sem hesitar à Mãe de Deus, encontrando naquela que ela também venera como sua própria Mãe um “sinal de esperança segura e de consolação” em sua peregrinação de fé rumo à pátria celeste<sup>14</sup>.

Padre Guillaume de MENTHIÈRE  
*Professor de Mariologia e Patrística*

## Notas

<sup>1</sup> Em 30 de maio de 1862, Dom Bosco teve um sonho : ele vê um grande navio (a Igreja) tendo à sua prôa um homem vestido de branco (o Papa). O navio estava bem ancorado na tempestade e protegido contra os assaltantes por suas colunas, numa sobre a qual estava a hóstia branca da Eucaristia, enquanto que a outra sustentava a Virgem Maria Imaculada.

<sup>2</sup> Marie Noël, O Rosário das alegrias, Stock, 1950

<sup>3</sup> Bento XVI, Discurso para o encerramento do mês de maio, 31 de maio de 2005, nos jardins do Vaticano

<sup>4</sup> cf. João Paulo II - Audiência geral de 9 de abril de 1997

<sup>5</sup> cf. *Lumen Gentium* n° 56

<sup>6</sup> cf. *Sacrosanctum concilium* n° 47

<sup>7</sup> cf João Paulo II, Carta aos Padres para a Quinta-feira Santa de 1995

<sup>8</sup> Concílio Vaticano II, *Lumen Gentium* n° 3

<sup>9</sup> Concílio Vaticano II, *Sacrosanctum Concilium* n° 103

<sup>10</sup> *Redemptoris Mater* n° 18

<sup>11</sup> Clemente de Alexandria paed. 1,6

<sup>12</sup> João Paulo II, Encíclica *Ecclesia de Eucaristia*, n° 56

<sup>13</sup> João Paulo II, *Ecclesia de Eucaristia*, n° 62

<sup>14</sup> Cf. *Lumen Gentium*, capítulo 8

## **DESAFIOS ATUAIS**

### Introdução

Há dois anos, a rubrica “Desafios atuais” se esforça para responder questões referentes às novas pobreza que interpelam a Companhia em sua realidade internacional.

Hoje, a rubrica quer favorecer a emergência de serviços inovadores realizados pelas Filhas da Caridade para responder os novos desafios de hoje. Esta partilha de experiências, para ressaltar os desafios lançados pelas nossas sociedades, não desenhará um caminho delimitado, mas oferecerá diferentes práticas que colocarão em evidência o progresso criativo e ousado da Companhia preocupada em servir sempre melhor os pobres, todos os pobres, em toda parte.

Estes testemunhos de amor inventivo nos ajudarão também a olhar as evoluções culturais contemporâneas, de modo diferente, do que em termos de crise e de perdas de valores. Eles farão sobressair a criatividade colocada em prática nos projetos, o trabalho e sublinharão em que sentido as Irmãs se esforçam para serem sinais de esperança junto às pessoas mais frágeis de nossas sociedades.

## **DESAFIOS ATUAIS**

Província de Los Altos Hills, Califórnia

### Servir com criatividade e compaixão as pessoas encarceradas

*“Perguntar-lhe-ão os justos: - Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos peregrino e te acolhemos, nu e te vestimos? Quando foi que te vimos enfermo ou na prisão e te fomos visitar? Responderá o Rei: - Em verdade eu vos declaro: todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes”. (Mt 25, 37-40)*

*“Nada tem mais mérito aos olhos de Deus do que as obras de caridade para os pobres prisioneiros”. (São Vicente de Paulo, 1632)*

No tempo de São Vicente, em 1640, as Filhas da Caridade começaram seu serviço junto aos prisioneiros, incluindo os galerianos que suportavam sofrimentos infames. De acordo com o Padre José Mariá Román, cm, autor do livro intitulado *São Vicente de Paulo – Uma Biografia*.<sup>1</sup> As Irmãs, nos primeiros tempos deste serviço, “foram solicitadas para comprar as provisões, preparar as refeições cotidianas dos galerianos e levá-las nas prisões, lavar as roupas dos prisioneiros, cuidar dos doentes, dar-lhes aquilo que precisavam quando iam para Marselha, limpar bem as celas, lavar e consertar os colchões”. Hoje, as Filhas da Caridade não são mais chamadas a fazer as mesmas tarefas pelos condenados, mas seu zelo e sua dedicação para servir estes pobres, homens e mulheres, são tão grandes quanto os manifestados pelas Irmãs de outrora.

Neste artigo, partilharemos alguns exemplos de serviços criativos que as Filhas da Caridade exercem nas prisões nas cinco Províncias dos Estados Unidos.

No Estado de Nova Iorque (Província da Albânia), em Troy, as Filhas da Caridade obtêm muitos recursos para as mulheres que deixam a prisão. Um programa de reinserção (Conexão de Roarke), começado em 2003 a pedido do pessoal da prisão do Município, tenta quebrar o ciclo da recaída entre as mulheres detentas. Irmã Linda O'Rourke dirige o Centro de Roarke, um Centro Social e de acolhimento temporário que oferece um alojamento, alimentação e responde a outras necessidades expressas pelas mulheres que aí se encontram. Quatro Filhas da Caridade trabalham neste programa inovador (duas dentre elas têm mais de 80 anos). Irmã Loretta Hoag, uma artista escultora, vem regularmente à prisão para propor uma atividade artística simples no pavilhão das mulheres. Quando as prisioneiras trabalham em suas realizações, (ou enquanto as prisioneiras realizam seus trabalhos) Irmã Loretta e uma outra Assistente social tentam entrar em diálogo com elas. Lentamente, elas constroem entre si, uma relação de confiança e sabem quais são as que logo vão sair da prisão e quais são suas necessidades, etc. As mulheres são incentivadas a irem ao Centro Roarke para obter ajuda depois de sua liberação. Um assistente social é nomeado para acompanhar cada pessoa, a qual ele encontra regularmente, em seguida, entra em contato com ela por telefone, uma vez por semana. As mulheres recebem alimentação, roupas e objetos pessoais; se elas não têm uma “casa” para onde ir após sua liberação, o Centro providencia-lhes um alojamento. (16 camas disponíveis.) As Irmãs e o pessoal do Centro também orientam para os programas de desintoxicação da droga ou do álcool, para os serviços de saúde mental ou educacional e para programas de procura de emprego e de estágios profissionais. Atualmente, administram um efetivo de 80 a 100 mulheres liberadas recentemente da prisão, e reúnem umas trinta por semana na prisão.

Irmã Linda partilha conosco uma vitória:

*“Janice J. que frequentou nossos serviços, foi colocada em contato com a Roarke Conexão por intermédio da prisão onde ela estava encarcerada. Pudemos tecer alguns vínculos por meio de atividades que lhe devolveram confiança. Entramos em contato com o sistema judicial e pedimos para que ela pudesse fazer uma cura de desintoxicação ao invés de um encarceramento. O tribunal a colocou em liberdade condicional: ela devia recorrer os serviços de desintoxicação e psiquiatria para se estabilizar e se conformar às ordens do tribunal. O juiz considerou que o Centro Roarke era uma estrutura de apoio construtivo que permitia uma alternativa ao encarceramento.*

*Janice vive com uma renda fixa, mas os problemas psiquiátricos e a dependência da droga lhe envenenam a vida. Com a ajuda de outros serviços locais e do Centro Roarke, conseguimos encontrar para ela, um ambiente saudável que é a base de todo o sucesso. Pela primeira vez depois de anos, ela retoma sua vida em mãos e se sente respeitada em sua*

*dignidade. No entanto, cada dia relembramos-lhe que ela ainda tem um longo caminho diante dela e que só um erro pode conduzi-la à possibilidade de uma pena de prisão. Com a ajuda do Centro Roarke, ela aprende a enfrentar suas lutas incessantes ligadas aos abusos, ao sentimento de vazio, e a um passado instável. Até agora, ela se adapta inteiramente às exigências do tribunal e às pessoas que lhe prescrevem seu tratamento e, assim, ela preserva sua liberdade”.*

Outras Filhas da Caridade utilizam **as artes** como um elemento de um processo global que visa à reinserção das pessoas encarceradas. Em sua descrição de *A Arte atrás das grades*, o Dr Rachel Williams, Assistente encarregado do ensino da Arte na Universidade de Iowa (especialista reconhecido no plano nacional e no campo da arte carcerária) escreve: “*Os estabelecimentos penitenciários são os lugares onde rondam a carência afetiva, a opressão, o isolamento e a privação dos direitos civis. A arte é uma atividade que é produtiva, não violenta; uma fonte de comunicação adequada para as pessoas encarceradas*”.<sup>2</sup>

Irmã Maria Liebeck (Província de São Luís) está engajada no serviço dos prisioneiros desde 1960. Durante dezessete anos, esta Irmã visitou um condenado que estava no corredor da morte e que tinha talentos artísticos: ela obteve para ele meios para exercitá-los e seus trabalhos foram mostrados em exposições e galerias no *Little Rock* em Arkansas. Irmã Maria também idealizou uma bandeira que é hasteada na véspera de cada execução decisiva na entrada da casa do governador de Arkansas.

As Irmãs Mary Polutanovich e Angele Hinkey da Província de Evansville, propõem uma vez por semana uma atividade artística às mulheres do Centro de detenção de segurança mediana de Milwaukee onde há mais de mil condenados – ao menos 50 dentre eles são mulheres. Um guarda que se preocupava porque as mulheres detidas eram esquecidas, convidou as Irmãs para trabalhar dentro da prisão mesmo no pavilhão das mulheres. As condenadas voluntárias vieram e, utilizando feltros coloridos, marcadores, carimbos de borracha e uma variedade de outros materiais, descobriram um meio de se expressar e uma ocasião de realizar algo para elas mesmas ou para alguém importante aos seus olhos. Elas, realmente, apreciaram este momento artístico como um “espaço de criatividade e de calma” que raramente se encontra no contexto penitenciário.

Irmã Mary constata: “*Uma das atividades favoritas é a fabricação de cartão postal. Algumas mulheres são tão pobres que elas não podem comprar cartão na loja da prisão. A fabricação de um cartão lhes dá uma certa estima de si, oferecendo-lhes o meio de permanecer em contato com seus filhos e suas famílias*”. Quando uma condenada mostra uma aptidão e o interesse pela expressão artística, Irmã Angele se organiza para encontrá-la a sós para uma sessão de pintura a óleo. Ela partilha conosco esta reflexão: “*Todas as semanas, vou visitar as mulheres na prisão, fico consternada de estar lá... tento dar às mulheres um toque de beleza e de verdade, durante o momento em que estamos juntas. Elas descobrem que podem fazer algo de belo e sentirem-se orgulhosas. Eu as respeito, as apoio e as amo pelo que nós fazemos juntas... criar... Vivo no mistério deste apelo! Mas, uma coisa eu sei, é que é bastante autêntico... Nunca imaginei estar ali...! Isto faz meu coração bater verdadeiramente. Gosto de estar lá, por mais rude que seja... pode-se encontrar aí beleza, cultivá-la e fazê-la florir... mesmo por pouco tempo”.*

O tema do “**acompanhamento**” retorna muitas e muitas vezes como uma das necessidades fundamentais das pessoas encarceradas. Irmã Doris Moore da Província de São Luís pediu para rezar por um rapaz que está no corredor da morte no Centro de correção federal no Texas pelo assassinato de um oficial militar. Graças aos esforços repetidos de Irmã Margaret Barrett, Assistente geral, este apelo se repercutiu em todas as Províncias de língua

inglesa. Este jovem começou a receber cartas de todos os lugares do mundo, até 50 cartas por dia! Logo, ele viveu uma profunda conversão provocada pelo imenso amor e a solicitude expressas por esta correspondência súbita – e em particular, pelas cartas de um grupo de jovens espanholas que lhe escreveram fielmente até sua execução.

Irmã Joan Pytlik da Província de São Luís, que visita a prisão de Brickeys do Estado de Arkansas, acompanha um homem que está em prisão perpétua e a quem não foi permitido ter nenhum tempo de visita durante os últimos 11 anos. Durante seu encarceramento, ele falou com a Irmã Joan de seu desejo de se tornar católico e depois disso, ele foi batizado pelo Bispo da diocese no interior da prisão.

Irmã Virgínia Dunker, da Província de São Louis, oferece seu tempo e seus conhecimentos para ser a tutora de condenados na Prisão de Varner, e ela os ajuda a preencher as condições exigidas para adquirir o diploma de seus estudos secundários.

Irmã Elizabeth Racko da Província de Los Altos Hills que exerce seu serviço nas reservas das tribos de Navajo e Hopi em Tuba City no Arizona, escreve: *“A qualidade mais importante que deve ser sublinhada para cada pessoa que exerce seu serviço em prisão, é de ter uma atitude de não-julgamento e ser fiel em voltar nos dias e horários em que ela se comprometeu a vir. É o mais importante para um acompanhamento eficaz na prisão”*. Em seu próprio serviço junto às pessoas encarceradas, Irmã Elizabeth ajudou a arrecadar fundos para responder às necessidades pessoais dos detentos, imprimindo os cartões de votos que eles tinham fabricado e propondo-lhes vendê-los.

Na saída deles da prisão, a necessidade de acompanhamento e de apoio é sempre primordial. Irmã Elizabeth Greim da Província de Emmitsburg descreve um anexo ao programa de refeição administrado pelas Filhas da Caridade em Baltimore na Maryland. Antigos prisioneiros que vinham procurar uma refeição quente também expressaram outras necessidades que iam da utilização de um telefonema a uma pessoa que pudesse acompanhá-los ao tribunal. Considerando a grande proporção de analfabetos entre a população carcerária, não é surpreendente que estes homens e estas mulheres peçam uma ajuda permanente para compreender os procedimentos do sistema judicial, e ir a outros lugares a fim de responder às exigências do tribunal. (Como se pode ler os painéis de direção quando não se sabe ler?)

Pela criatividade e a compaixão deles, as Irmãs e seus associados acompanham e ajudam os detentos, lembrando-lhes o amor fiel que nosso Deus misericordioso nos oferece.

Para concluir, aqui está o poema de Tonie, presa no Centro de detenção de Segurança mediana do Milwaukee. Escrito em outubro de 2007, este poema expressa com beleza esta experiência da graça de Deus:

### **Depender de Deus**

Às vezes, a vida é cheia de decepções,  
ela destrói os sonhos que nos deram tanta dor!  
Há dias em que perdemos tudo,  
mas, estes são também dias em que se pode fazer uma descoberta!  
Quando aprendemos a nos contentar com o que temos,  
e que deixamos Deus ter o controle,  
então, descobrimos o que isto pode nos trazer  
a paz e a satisfação do coração e da alma!

Somos tentados a nos apegar  
ao que sempre conhecemos,  
talvez tenhamos medo de pensar  
em enfrentar sozinho o futuro?  
Mas, nosso Deus nunca nos abandonará ;  
Ele é fiel e justo;  
Ele nos guiará no mais escuro da noite,  
se colocamos n'Ele nossa confiança!  
D'Ele, podemos depender,  
Ele sempre estará ao nosso lado.  
N'Ele encontraremos a força que precisamos,  
às vezes, somos tão tentados e provados!  
Quando atingimos o momento  
em que nos parece que não podemos suportar nada mais,  
queremos abandonar tudo, porque perdemos toda a esperança;  
se O chamarmos por seu nome, Ele ouvirá nossa súplica,  
e Ele fará de modo que toda obscuridade do desespero voe!

Irmã Christina MAGGI  
*Filha da Caridade*

#### **Notas**

<sup>1</sup> Román, Padre José Mariá, cm, São Vicente de Paulo – A Biography, St. Edmundsbury Press, England, 1999, p. 497.

<sup>2</sup> Williams, Dr Rachel, Titular do...., cidade numa descrição de “Art behind Bars”, (A Arte atrás das grades), um programa de serviço comunitário fundado sobre a arte para os detentos do Centro de Detenção do Município de Monroe.

## **DESAFIOS ATUAIS**

Província da Albânia

### **O Comitê internacional das Filhas da Caridade sobre o tráfico humano**

Quando mencionamos a palavra “escravidão”, a maioria das pessoas pensa que esta prática horrível não existe mais no mundo moderno. A realidade mostra que cada ano, no mundo, de 600.000 a 800.000 homens, mulheres e crianças são vítimas deste tráfico.

#### **Encontro do Comitê internacional das Filhas da Caridade sobre o tráfico humano, Queens, de 1º a 2 de março de 2008**

Nos dias 1º e 2 de março de 2008, Irmã Margaret Barrett, Conselheira geral para as Províncias de língua inglesa, abriu o segundo Encontro do Comitê internacional do tráfico humano. Irmãs vindas das cinco Províncias dos Estados Unidos, das Províncias da Inglaterra, Irlanda e Austrália se encontraram em Queens, no Estado de Nova Iorque (Província da



Albânia) para refletir sobre esta situação trágica. Três especialistas nesta área compartilharam conosco suas reflexões.

A primeira conferencista, **Kathleen Mitchell de Phoenix no Arizona**, é uma ex vítima do tráfico humano. Ela fundou o programa “DIGNITY”: para ajudar as mulheres, vítimas da prostituição e maus-tratos, a reencontrarem uma vida normal. Ela trabalha lá como consultora e defende a causa das vítimas. O testemunho pessoal de Kathleen sobre estas realidades terríficas nos faz tomar fortemente consciência destas situações trágicas.

A segunda conferência, Carole Smolenski, Diretora para os Estados Unidos do ECPAT (End Child Prostitution Child Pornography and Trafficking of Children for Sexual Purposes) (Organismo que trabalha para a eliminação da prostituição infantil, da pedofilia e o tráfico das crianças para fins sexuais). Esta organização é internacional e numerosos ramos se situam nos países onde as Filhas da Caridade vivem e servem. Carole falou sobre a tragédia da prostituição, da pornografia e do tráfico do qual as crianças são vítimas. Suas descrições da angústia vivida pelas crianças no mundo inteiro nos transtornaram profundamente. Ela nos falou das crianças sequestradas para serem vendidas, usadas como mão-de-obra barata nas fábricas de tapete, nos campos de cacau, nas redes de prostituição. Elas são usadas como domésticas para cuidar dos camelos ou outros e como escravos sexuais. Estas crianças são espancadas e privadas de comida. Elas não têm acesso nem aos estudos nem à saúde.

A terceira conferencista, **Irmã Helen Hayes**, Irmã do Bom Pastor, terminou há pouco tempo uma pesquisa sobre o impacto que pode ter sobre uma pessoa o fato de ter sido vítima de um tráfico humano. Ela entrevistou 65 mulheres de vários países que foram vítimas do tráfico humano: “Como era sua vida antes? Como era sua vida quando passava por esta experiência? Como está sua vida, agora que você escapou desta situação?” Ela também lhes perguntou qual é o impacto emocional e social e as consequências destas graves crueldades na vida delas. A experiência de terem sido reféns por traficantes e forçadas à prostituição levou estas mulheres às portas do desespero. A recuperação é longa e difícil.

Durante a celebração eucarística presidida pelo Padre Charles Plock, cm, da Universidade São João e membro do Conselho de administração da Casa da Aliança, rezamos pelas vítimas do tráfico humano a fim de que sejamos capazes de ver e escutar as necessidades destas pessoas e de responder com coragem a este problema através de compromissos concretos em fidelidade ao nosso carisma.

**Em 2 de março**, o programa do dia foi centralizado em uma análise do impacto que os conferencistas tiveram sobre o nosso grupo. Evocamos o que vimos e ouvimos e compartilhamos os frutos de nossas reflexões e de nossa oração. Em seguida, estudamos pistas de compromissos em favor das vítimas do tráfico humano. Cada participante fará despertar em sua Província estes compromissos assumidos em 3 aspectos: serviço direto, defesa das vítimas e trabalho em colaboração.

- \* Os compromissos para o serviço direto consistem em :
  - Rezar pelas vítimas e as pessoas que trabalham por elas e com elas,
  - Nos auto-formar e formar jovens, adultos susceptíveis para entrar em contato com estas vítimas,
  - Fazer a prevenção nos países de origem através da educação. A difusão de recursos em favor das vítimas, realizadas por nossas Irmãs, nos serviços, Igrejas e órgãos públicos são considerados como um método educacional eficaz.

\* Identificamos também os lugares onde podíamos ir em defesa das vítimas deste tráfico humano e de grupos com os quais podemos defender sua causa: o governo, a família vicentina, os grupos de religiosos e de religiosas, os sindicatos... Esta questão poderia também ser inscrita na programação do dia da Conferência Episcopal Americana. O meio de educação e de sensibilização mais eficaz consiste em ajudar as vítimas, cada vez que é possível, a falarem daquilo que viveram. Em nossa maneira de defender esta causa, consideramos como essenciais as seguintes disposições:

- militar em favor de políticas que atinjam o tratamento das pessoas imigrantes sem documentos, incluindo aquelas que foram vítimas do tráfico humano,
- colaborar com outros Órgãos, Instituições, Igrejas e com as Nações Unidas no combate às causas deste tráfico (pobreza, globalização, etc.)

\* A ação em favor das vítimas será mais eficaz se for vivida em colaboração. Somos desafiados a trabalhar em parceria com os Órgãos e as Instituições que já existem, Igrejas e Governos a fim de oferecer os serviços necessários. Como Companhia internacional, podemos ajudar as vítimas a se inserirem em seus países de origem graças aos esforços conjuntos dos países de origem e de acolhimento.

O consenso geral que emana das informações que escutamos mostra que formação e compromisso devem se tornar uma prioridade para cada uma de nós para eliminar o tráfico humano. Não podemos permanecer de braços cruzados diante destas situações trágicas. Não podemos nos desviar do sofrimento e da realidade suportada por nossos irmãos e irmãs privados de dignidade e de esperança. A hora de nossa resposta soou.

Antes e depois deste Encontro oficial do Comitê internacional sobre o comércio de pessoas, os participantes tiveram a possibilidade de visitar a ONU. Este encontro das Filhas da Caridade das Províncias de língua inglesa coincidiu com o encontro da Comissão das Nações Unidas sobre os direitos da mulher. O tráfico humano foi analisado e identificado como uma grande tragédia internacional que deve ser abordada em escala mundial. As Filhas da Caridade puderam assistir várias palestras e participar de várias atividades nas Nações Unidas.

O Comitê expressou seu reconhecimento à Irmã Margaret Barrett por nos ter dado a oportunidade de nos formar e por ter nos aconselhado a colaborar com outros a fim de eliminar este crime atroz que é o comércio de pessoas. Queremos agradecer à Irmã Kathleen Appler, Conselheira da Província da Albânia que ofereceu um grande trabalho ajudando na organização do encontro. Agradecemos também à Irmã Germaine Price, da Província de São Luís que nos deu a oportunidade de visitar a ONU. Queremos, de modo particular, expressar nossa profunda gratidão à Irmã Mary Francis Martin, Visitadora da Província da Albânia por sua hospitalidade acolhedora e pelo apoio que nos deu no trabalho do Comitê sobre o comércio internacional de pessoas.

Irmãs Donna M. Franklin e Joanne Dress  
*Filhas da Caridade*

### **VISITA DOS SUPERIORES**

Irmã Évelyne Franc, Superiora geral  
e Irmã Blanca Libia Tamayo, Conselheira geral

Visita da Província da Bolívia

12-14 de fevereiro de 2008

*“Bem-vinda a Bolívia, Mère Evelyne”*: estas foram as palavras que brotaram de nossos corações ao receber Notre Mère na Província. Depois de sua visita no Peru que há poucos dias havia sofrido um tremor de terra, Irmã Evelyne não nos esqueceu e nos fez beneficiar de sua presença durante três dias com Irmã Blanca Libia Tamayo, Conselheira geral para a América Latina.

Elas chegaram a nossa casa no dia 11 de fevereiro de 2008, dia da festa de Nossa Senhora de Lourdes e nós acolhemos a coincidência das duas datas como um sinal da Providência. No Aeroporto do El Alto de la Paz, a Visitadora, Irmã Carmen Toledo e as Irmãs dos arredores esperavam com alegria as duas visitantes.

## **Cochabamba**

No dia seguinte bem cedo, Irmã Evelyne viaja para Cochabamba. Geograficamente, é o coração da Bolívia e também de nossa Província, pois, lá se encontram a Casa Provincial e vários lugares de missões. Ela se reúne primeiramente com o Conselho Provincial. Em seguida, Irmã Carmen, com a simplicidade que a caracteriza, apresentou-lhe nossa pequena Província com seus pontos fortes e suas fraquezas, sem esquecer os pobres a quem servimos e que são confrontados a vários tipos de dificuldades: instabilidade política, tensões sociais, o alto preço dos gêneros alimentícios.

Em seguida, Notre Mère e Irmã Blanca Libia se reúnem com as Irmãs de Cochabamba e as de Trinidad e la Paz. O tema da intervenção de Irmã Evelyne foi “o chamado à conversão”. Com sua simplicidade, falando em espanhol, Notre Mère nos encoraja a abrir a porta de nosso coração ao Senhor, citando uma palavra do Apocalipse: *“Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo”* (Ap 3,20). Deus não força o coração do homem, Ele espera pacientemente que este lhe abra a porta. Depois desta meditação, era grande o desejo de abrir o nosso coração à Palavra do Senhor, transmitida por Irmã Evelyne.

À tarde, visita das Casas e do Seminário situados num pequeno povoado distante a uma meia hora de Cochabamba. As Irmãs reunidas têm a graça de conhecer Irmã Evelyne. Ela apresentou às Irmãs a História da Companhia e sua atual realidade internacional.

No dia 13 de fevereiro, depois da Eucaristia, Notre Mère apresenta às Irmãs Serventes da Província o tema: “A comunicação e o acompanhamento espiritual das Irmãs”. Depois desta palestra seguida de um diálogo fraterno sobre nossas preocupações e nossas dificuldades, ela nos encoraja a continuar nossa missão à luz das Constituições e Estatutos.

À tarde, ela recebe várias Irmãs da Cúria, em seguida, visita dois dos oito Centros do Projeto “Amanhecer” para crianças e mulheres de rua, verdadeiro serviço aos mais pobres.

Durante a vigília, as Irmãs jovens e os JMV, apresentam uma breve encenação de nosso folclore tão rico. E o tempo continua seu percurso inexorável... chegamos ao dia seguinte. Depois da Eucaristia, Notre Mère se reuniu com o Conselho para as últimas recomendações.

Nossa Visitadora agradeceu-lhe com muito carinho, pois, cada uma de nós se sente renovada no espírito da Companhia: “Eis o resultado de sua visita, Irmã Evelyne, hoje nós

somos muito gratas à senhora por esta graça, pela passagem de Deus aqui na Bolívia. Obrigada em nome de todas as Irmãs”.

## **FOTO**

Irmã Carmen Toledo, Visitadora e Padre David Paniaga, Diretor provincial, acompanham as visitantes à La Paz onde elas passam a tarde. Elas se reúnem com as Irmãs da Província que servem os Pobres a 4.100 metros de altitude, assim como uma representação importante da Família Vicentina (AIC, JMV, SSVP). Depois jantam com os Padres Lazaristas que também trabalham nos altos planaltos na evangelização dos índios que vivem em condições climáticas duras, com os desafios da inculturação. Graças à atenção delicada das Irmãs que as ajudaram a suportar bem a altitude, Irmã Evelyne e Irmã Blanca Libia sentem-se felizes por todos estes belos encontros.

### **Da Bolívia ao Peru**

No dia 15, Irmã Evelyne volta para Lima e Irmã Blanca Libia viaja para Santiago no Chile. Em nossos corações, guardamos com carinho sua lembrança e os compromissos que assumimos. Obrigada Irmã Evelyne, não esqueceremos que você também veio nos visitar no momento difícil da morte de Irmã Teresa Feeley. Pedimos ao Senhor as graças que lhe são mais necessárias para cumprir sua missão a serviço da Companhia.

Irmã Andréa EMÇERITA MEDINA  
*Filha da Caridade*

## **TESTEMUNHO DAS IRMÃS**

Província da Índia do Norte

A responsabilidade  
de mulheres jovens de origem tribal

### **Realidade das mulheres jovens de origem tribal**

Apesar de sua história gloriosa e de vastos recursos naturais, Orissa permanece um dos Estados da Índia mais pobres e mais subdesenvolvidos. Orissa possui uma forte concentração de população tribal. Existe 62 comunidades tribais neste Estado que representam 22,21% da população total. Mais da terça parte da superfície total é atrasada por causa de uma população predominantemente tribal. Mas, em alguns setores como os de Gajapati, Kondhmal, Rayagada, a percentagem de população tribal assemelham-se em 50%, ou até mesmo 60%. Em muitas regiões que não são facilmente acessíveis encontra-se pessoas que ainda hoje têm um estilo de vida bem primitivo.

Geralmente, as populações tribais permanecem muito atrasadas e vulneráveis e estão sujeitas a diversas formas de exploração. Somente 22,31% delas são alfabetizadas contra 49%

para a média do Estado. Para proteger os interesses das populações tribais e ajudá-las em seu desenvolvimento, várias iniciativas e obrigações importantes foram empreendidas e algumas leis foram promulgadas, conforme a Constituição, pelo Governo central e o do Estado. O Governo realiza várias ações de desenvolvimento nos aspectos econômicos, educacionais e sociais. Mas estes são muito limitados para responder às numerosas necessidades da população.

A Igreja e várias Congregações religiosas estão profundamente implicadas no crescimento e bem-estar das populações tribais. As Filhas da Caridade trabalham em diferentes setores onde vivem estas populações com programas de sensibilização nos aspectos educacionais, sanitários e sociais. Os problemas essenciais são os da pobreza e da ausência de alfabetização. Se acrescentarmos a isto as condições geográficas desfavoráveis e sua ignorância proverbial, tudo concorre para que estas populações tribais se tornem presas fáceis para diferentes grupos políticos.

No setor de Gajapati onde nós moramos, existe uma fortíssima população tribal. A idéia principal de nosso serviço é a promoção das mulheres e das meninas. A educação delas nunca é prioridade para as famílias. Elas a consideram como uma perda de tempo e de dinheiro. Embora tenha escolas primárias na maioria das aldeias, as meninas não são enviadas à escola ou elas a deixam antes do fim dos estudos primários. O pequeno número que prossegue os estudos no nível secundário não pode terminá-los com sucesso. Ora, se a pessoa não obtém o certificado do final dos estudos secundários, ela não pode fazer estudos universitários. Os estudos constituem a única ferramenta de responsabilidade para estas jovens e elas não têm meios necessários realizá-los. Portanto, a solução consistia em abrir um Centro onde estas moças possam ser alojadas e se prepararem às provas. Em caso de êxito, várias opções susceptíveis de transformar seu futuro abrem-se a elas. Atualmente, temos dois Centros onde este serviço é realizado. O primeiro se chama Deepthi Sadan, em Parlakhemundi e o outro Marillac Niketan em Gunupur.

Percebemos a urgência e a relevância deste serviço porque depois de ter terminado o segundo grau, as jovens podem ter muitas escolhas para prosseguir seus estudos. A gente se pergunta por que tantos estudantes não conseguem obter o certificado no final dos estudos secundários. As razões são numerosas. Nas aldeias distantes, o nível de ensino é muito baixo e os professores nem sempre estão presentes. Muitas Escolas de aldeias são administradas por Associações e os professores são mal pagos e não beneficiam de infra-estruturas necessárias.

A Secretaria dos estudos secundários, em Orissa, dispõe todos os anos o exame para a obtenção do certificado de final dos estudos secundários. Os estudantes provenientes das Escolas urbanas e rurais devem participar deste exame para adquirir este diploma. Cada ano, quando os resultados são proclamados, nota-se que os estudantes vindos das zonas tribais não passam e muitos não obtêm seu diploma, porque não tiveram bons professores ou pais instruídos que pudessem ajudá-los em casa. Se eles fracassam, eles podem repetir a prova, mas sem uma preparação ou uma prática adequada e, por isso, não têm chance alguma de passá-lo. Nosso sistema de ensino requer que os estudantes terminem seu 10º ano (último ano do Secundário) e cursem, em seguida, dois anos de cursos pré-universitários. Em seguida, eles podem realizar qualquer estudo profissional ou universitário.

## **PROJETO DA PROVÍNCIA**

Depois de ter amadurecido sua reflexão e seu discernimento, a Província decidiu abrir Centros onde as meninas de zonas rurais e tribais podem se alojar e realizar durante um ano

cursos de treinamento. Visto que se trata de zonas urbanas, Gunupur como Parlakhemundi podem fornecer uma equipe experiente e um pessoal competente para ajudar estas estudantes. Algumas de nossas Irmãs aposentadas também estão implicadas neste projeto. As Comunidades concernentes utilizaram diferentes métodos para tornar o Centro eficaz e acolhedor.

### **Formação profissional**

As Comunidades hospedam e alimentam as estudantes vindas de aldeias bem distantes. Estas não tinham livro algum, os professores tiveram que recordar os conhecimentos de base. No entanto, as jovens estavam dispostas a trabalhar seriamente para alcançar seus objetivos estabelecidos. Seu nível de estudo melhorou lentamente mas regularmente. No fim do ano, quase todas estavam preparadas a prestar seu exame com confiança. Elas foram bem sucedidas, e algumas obtiveram resultados excelentes. As famílias se alegraram e as jovens souberam que elas poderiam adquirir tudo o que desejavam com a única condição de tentar e trabalhar bem. Elas precisavam somente que lhes dessem os meios necessários para alcançar seus objetivos.

O ambiente, a atmosfera, o acolhimento dos Centros, o apoio dos professores lhes deram a esperança, a confiança e a vontade de obter êxito, pouco a pouco, descobriram suas capacidades e acreditaram que elas podiam chegar lá.

### **Formação cristã**

Já que todas são católicas, tomamos cuidado com a formação da fé destas meninas durante sua permanência entre nós. Elas são muitas a vir de lugares onde não há Padre residente, originárias de aldeias onde há apenas uma catequista para as visitas. Algumas foram preparadas à primeira comunhão e outras à confirmação.

O catecismo, as lições da Bíblia, as partilhas do Evangelho, as celebrações litúrgicas foram programadas cuidadosamente a fim de que estas meninas pudessem voltar às suas aldeias com uma formação cristã sólida. Hoje, em muitas aldeias, elas animam a oração, a oração do terço, a leitura da Bíblia em grupos diferentes. Elas se tornaram catequistas para seu próprio povo. Entre elas, algumas optaram pela vida religiosa; outras não puderam se unir a elas porque não tinham um nível escolar suficiente. Mas, quando elas eram capazes de terminar com sucesso seus estudos secundários, puderam responder o chamado de Deus. Entre elas, algumas se tornaram Postulantes e outras entraram no Seminário das Filhas da Caridade.

Algumas prosseguem seus estudos superiores na Universidade e outras fazem formações profissionais para se tornarem enfermeiras, membro do pessoal de saúde, professores nas Escolas etc. É sempre uma alegria quando elas telefonam para nos dar notícias sobre a transformação de sua vida. Esperamos que no decorrer do tempo, graças a elas, a vida das famílias também mudará.

### **Conclusão**

As estudantes dizem que este Centro trouxe luz à sua vida, esperança em seus corações e lhes deu a possibilidade de ter um belo futuro, a vida delas está definitivamente mudada. Daqui em diante, elas estão certas de uma coisa: quando podem se manter de pé, não precisam deixar a segurança de suas aldeias em busca de um trabalho. Nossas metrópoles transbordam com milhares de pessoas vindas das aldeias em busca de um trabalho, não importa qual, simplesmente para sobreviver. Não é um lugar seguro para meninas simples de origem tribal

que vêm de aldeias distantes. Nas cidades grandes, encontra-se todo tipo de perigo como a exploração de mulheres. Estando informadas destes perigos, elas permanecem prudentes.

Estes Centros visam desenvolver o potencial destas meninas pobres de origem tribal e permitir-lhes se tornar agentes do seu próprio desenvolvimento e de levar uma vida cristã comprometida que irradie os valores do Evangelho em suas aldeias e na comunidade tribal que precisa delas para aí ser luz e sal da terra.

Irmã Rosalie PALAYOOR  
*Filha da Caridade*

## TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Casa-Mãe

Encontro dos Diretores provinciais  
recentemente nomeados

Paris, 26 março a 2 de abril de 2008

*“O Diretor provincial é um padre da Congregação da Missão  
que exerce numa Província de Filhas da Caridade  
um serviço vicentino de animação e de acompanhamento...” (C.75a)*

Os dias, os meses passaram depois da Sessão de formação dos novos Diretores provinciais em Paris, na Casa-Mãe, rua do Bac, mas a lembrança do que vivemos ainda está bem viva em nós. De acordo com o novo Diretório dos Diretores das Filhas da Caridade, esta Sessão acontece a cada dois anos para os Padres da Missão que assumem este ofício pela primeira vez, e outra a cada dez anos para todos os Diretores em função (cf. Diretório C. 1,5). Esta Sessão curta, (26 de março a 2 de abril de 2008), intensa mais muito boa, preparada com muita seriedade. Permitam-me evocar em algumas linhas estes dias de *aggiornamento* em nosso serviço como Diretor das Irmãs.

Chegando em Paris, de diferentes partes do mundo, éramos 14 Diretores provinciais: **3 da Ásia** (Vietnã, Filipinas, Índia do Sul.); **4 da América** (Argentina e Paraguai, Chile, Peru, Brasil [Recife]), **6 da Europa** (Albânia, Espanha [Barcelona, Granada], Itália [Roma], Polônia [Varsóvia, Chelмно]) e **1 da África** (Nigéria).

Do início ao fim, o clima da Sessão foi fraterno e alegre, não só porque era o tempo da oitava da Páscoa, mas também por saber que estes dias iam nos encorajar e nos motivar para o nosso trabalho vicentino, que terá uma repercussão no serviço dos pobres. A equipe encarregada pela organização da Sessão tinha previsto todos os detalhes para que tudo se realizasse da melhor maneira possível. Os objetivos foram claros:

- Aprofundar a identidade e o espírito da Companhia
- Conhecer e aprofundar o papel do Diretor provincial de acordo com as Constituições e o Diretório.
- Aprofundar alguns pontos das Constituições e dos Estatutos das Filhas da Caridade.

Estes objetivos foram alcançados através das diversas conferências, reflexões, intervenções, trabalhos de grupos, sessões plenárias, reflexão pessoal, diálogos abertos, celebrações, liturgias, dias de retiro, etc. A dinâmica variada e a organização excelente permitiram a cada um participar com alegria.

A equipe de animação era de qualidade. Seus membros foram de muita atenção em todos os detalhes, pequenos e grandes. Presidida pelo Padre Javier Alvarez (Diretor geral), a equipe formada por Irmã Maria Pia Bertaglia (Visitadora), Irmã Marlene Terezinha Rosa (Conselheira geral) e o Padre Yves Danjou (Diretor provincial). Graças a eles, pudemos percorrer as diferentes etapas fixadas. Gostaria também de destacar a presença constante e a cordialidade dos Superiores gerais (Padre Gregory e Irmã Evelyne), Padre Javier Alvarez, as Irmãs do Conselho geral, os conferencistas, moderadores (as), as tradutoras e todas as Irmãs da Casa-Mãe que fizeram o melhor para que esta Sessão fosse uma experiência inesquecível para nós.

Para não cansar os leitores destas páginas com minhas impressões pessoais a respeito deste encontro, eu gostaria de resumir o desenvolvimento de cada dia.

**No dia 26 de março**, às 9h da manhã, depois da abertura da Sessão com a Eucaristia presidida pelo Superior geral, a apresentação dos participantes e do programa. **Irmã Evelyne Franc**, Superiora geral, foi a primeira conferencista sobre o tema: **“A Companhia e sua espiritualidade”**. Foi uma conferência agradável, simples e profunda. Ela nos apresentou a caminhada da Companhia, desde as primeiras 12 Irmãs reunidas em 1633 até hoje quando elas são 19.937 Irmãs inseridas em 91 países, 77 Províncias e 2.322 Casas. Com este amor apaixonado por Deus, pelos pobres e uma grande afeição à Companhia, as Irmãs percorreram a história e a geografia do mundo inteiro, impulsionadas por um amor inventivo até o infinito. Irmã Evelyne nos convidou a não esquecer dos desafios aos quais a Companhia enfrenta e como podemos ajudar as Irmãs a avançarem neste caminho. Quando apresentou a Companhia, ela afirmou sua certeza de que através dela os pobres são servidos o melhor possível, mas ela se perguntava também se este amor estava bem enraizado em Deus. Falando dos 3 pilares sobre os quais fundamenta-se a vida das Irmãs: vida espiritual, vida comunitária e vida apostólica, ela se pergunta: “eles são ainda sinais proféticos?” Ela nos expôs suas preocupações e nos encorajou a zelar para que as Irmãs não caiam no ativismo e no secularismo e a ajudá-las a irem mais longe na mobilidade, na revisão de obras, na pastoral vocacional, na formação inicial e contínua, na co-responsabilidade, na subsidiaridade, etc. Os Diretores provinciais têm um papel importante a assegurar na vida da Companhia: esclarecer as Irmãs, motivá-las, orientá-las e acompanhá-las a fim de enfrentarem os desafios aos quais a Companhia enfrenta, hoje.

À tarde, **Irmã Margaret Barret**, Assistente geral, nos apresentou o tema: **“Identidade da Companhia na Igreja como Sociedade de vida Apostólica”**. É um tema importante: “Como viver este espírito secular da Companhia, sem cair na tentação do secularismo?” Esta tentação sempre estará oculta com o perigo de se dissolver na sociedade de hoje. Ela nos lembrou que as Filhas da Caridade vivem e servem no mundo, mas que não são do mundo, elas revelam o amor de Deus num serviço de humanização e de evangelização. A Filha da Caridade sempre tem uma voz diferente, uma voz profética, seu único modelo é Cristo, unicamente Ele ela busca imitar *“a secularidade é seu serviço dos pobres... esta secularidade permite às Irmãs tornarem-se sensíveis aos apelos do mundo e dos pobres”*. Nós, Diretores provinciais, devemos insistir nisto quando acompanhamos e orientamos as Irmãs a fim de ajudá-las a viver a identidade própria de sua vocação.



No dia 27 de março, o Padre Fernando Quintano nos falou sobre os “**Votos de acordo com o espírito das Filhas da Caridade**”. Com sua grande experiência, ele fala dos começos deste novo estilo de vida: uma Comunidade unida para servir através dos votos segundo um espírito próprio. Especifica o sentido dos Conselhos Evangélicos e dos votos: a consagração batismal e os 3 votos vividos na ótica do voto de serviço dos pobres. Ele concluiu dizendo: “é porque se é Filha da Caridade e para sê-lo cada vez mais, que se faz e que se renova os votos; eles confirmam o ser de Filha da Caridade”.

À tarde, o Padre Javier, Diretor geral, nos apresentou o tema: “**O Diretor provincial de acordo com as Constituições e o Diretório**”. À luz da história e dos documentos da Companhia, ele nos esclarece sobre o serviço que nos foi confiado, recordando não somente nossos deveres como Diretores, mas também as qualidades requeridas para este ofício: “*Ele deve ser um bom missionário, que viva as virtudes próprias de sua vocação espiritual, apostólica, que conheça o espírito da Companhia, goste realmente do serviço que lhe foi confiado*”. O parágrafo continua descrevendo os diferentes serviços que deve cumprir: colaboração com o governo, com a formação inicial, contínua, a das Irmãs Serventes, as visitas, o acompanhamento, etc.

No dia 28 de março pela manhã, Irmã Rosa Maria Miro e Irmã Julma Neo, ambas Conselheiras gerais, nos apresentaram: “**O Diretor provincial e sua função na formação das Irmãs**”. Cada uma falou da importância deste ponto da formação para as Irmãs, tanto da formação inicial quanto da formação contínua. Ela será feita utilizando os documentos da Igreja e os da Companhia, levando em consideração os desafios apresentados pelo mundo de hoje: um mundo em mutação, o papel da mulher, a pessoa humana, etc. Elas nos mostraram o caminho a seguir para este acompanhamento no domínio da formação, levando em conta o serviço dos pobres, sua identidade como Filhas da Caridade, sua vida comunitária, etc. É importante que a formação seja sempre bem programada, que leve em conta o contexto e a pessoa de cada Irmã, que esta formação leve em conta a cultura, tudo isto para que ela possa transformar a pessoa que a recebe. Esta formação deve ser integral: espiritual, teológica, humana, cultural, apostólica e vicentina. Trata-se de uma formação bem coordenada que conduz ao discernimento; para isto o *método de formação* é tão importante quanto o *conteúdo*. É o que permitirá às Irmãs dar um sentido à sua própria vida e crescer na maturidade e na liberdade.

À tarde, o Padre J. M. Pereira, Diretor de Portugal, apresentou: “**O Diretor como animador provincial: a visita pastoral**”. Ele utilizou duas cenas do Evangelho: a Visitação e o Bom Pastor para nos lembrar que a nossa missão é pastoral e vicentina. A primeira, a Visitação, ele nos dizia que esta visita pastoral ou de cordialidade, estes encontros, estas partilhas deviam acontecer num clima de alegria. A cena do Bom Pastor nos diz que devemos imitá-lo: gostar de nosso serviço, amar nossas “ovelhas”, entregar-nos sem reservas por elas, trabalhar para que as Comunidades sejam lugares de fé, de esperança e de amor.

Em seguida, Irmã Marlene Terezinha, Conselheira geral, nos apresentou o tema: “**O Diretor Provincial como acompanhador espiritual**”. Esta ajuda fraterna para as Irmãs não é a de um terapeuta, mas de um acompanhador, isto é, ele é uma pessoa que escuta, acolhe, encoraja, ilumina, ajuda a discernir e a conhecer a si mesmo. A Irmã e o Diretor escutam juntos o Espírito Santo para descobrir o que ela é, sua verdade e a vontade de Deus em sua vida. Trata-se de encorajar a Irmã a viver sua vocação na humildade, simplicidade e caridade.

Em 29 de março, dia de trabalho intensivo com três conferencistas: o **Padre Yves Danjou**, Diretor da França Norte, **nos apresentou: “A missão do Diretor”**, o **Padre Javier Alvarez**, Diretor geral nos falou do **“Diretor no Conselho e na Assembléia provincial: ele ajuda o governo”** e o **Padre Vernaschi**, Diretor de Siena, interveio falando sobre: **“O Direito próprio da Companhia e as questões de Direito Canônico, as Constituições e o Diretório”**.

Aprofundamos nossa missão de Diretores provinciais numa dinâmica de escuta, de diálogos sinceros. Recebemos informações claras sobre questões um pouco obscuras e partilhamos nossos temores. Descobrimos que, a missão própria do Diretor é diferente, a ajuda, o apoio, a presença ativa, o acompanhamento motivador não são, por essa razão, pontos secundários, é uma contribuição de valor para o governo e para cada Irmã.

Domingo 30 de março: **Dia de retiro espiritual orientado pelo Superior geral e o Diretor geral**. Foi um dia de deserto, de silêncio, com os textos propostos e motivações que nos ajudaram a revisar nossas vidas à luz da Palavra de Deus e das Constituições... Meditamos sobre as virtudes necessárias para viver nossa missão como pastores, servos e animadores.

Segunda-feira 31 de março, **dia da Anunciação e de renovação dos votos para as Irmãs**: foi solene e festivo na Capela das Aparições onde muitas Irmãs estavam reunidas. No altar, o Diretor geral presidiu a Missa com a presença do Superior geral, o Padre Gregory Gay, os Diretores e vários Padres Lazaristas. Unimo-nos ao Magnificat das Irmãs depois da renovação de seus votos. O Padre Javier convidou as Irmãs a viverem seus votos de uma maneira profética. Vivemos um momento muito emocionante. Depois da Missa, tomamos o café da manhã com as Irmãs da Casa-Mãe. Para destacar esta festa, tivemos um tempo livre.

O 1º de abril, dia dedicado ao estudo do tema: **“O Diretor e os documentos da Companhia”**. Pela manhã, **Irmã Rita Ferri**, Ecônoma geral, nos apresentou de uma maneira clara e em detalhes o **“Guia da Ecônoma provincial”**. Mas para isto, ela acrescentou uma reflexão sobre a administração dos bens e o voto de pobreza, insistindo num ponto central: *“é necessário ter bem presente à mente o que é prioridade: o serviço de Cristo nos pobres”*.

A tarde, nos foi apresentado, *a página Web da Companhia, em seguida, os tesouros dos Arquivos da Companhia*. Tudo isto nos levou a nos familiarizar novamente, a nos maravilhar pela história e a vida da Companhia hoje.

No dia 2 de abril, chegamos ao término desta Sessão: a última conferência foi feita pelo **Padre Gregory Gay**, Superior geral: **“O Diretor Provincial e sua relação com o Superior Geral”**. Ele nos apresenta o que é necessário lembrar em nosso serviço: as Constituições, o Diretório e os conselhos práticos. Num clima de diálogo bem simples, foram esclarecidos alguns pontos, algumas situações concretas foram evocadas, algumas idéias importantes destacadas, etc. Muitas perguntas foram respondidas, não só por parte do Superior geral, mas também várias pessoas entrevistaram para colaborar: Padre Javier, Irmã Evelyne, as Conselheiras bem como a Ecônoma geral.

Para concluir esta Sessão, tivemos a Eucaristia em São Lázaro, presidida pelo Superior geral. Em sua homilia inspirada nas leituras do dia (At 5, 17, 26; Jo 3, 16-21), ele nos recordou as bonitas palavras com as quais ele nos tinha exortado: *“Deixem as Irmãs evangelizá-los, assim mutuamente vocês poderão estar livres para viver em plenitude esta vida à qual Deus nos convida a participar... Vocês são chamados para trabalhar com as Filhas da Caridade, ajudando-as a serem verdadeiras testemunhas da vida e do amor de Deus, principalmente para os pobres deste mundo”*.

Padre Fernando Macias Fernandez, cm  
Diretor provincial do Chile

## PALAVRA DE UM “PROFETA, PORTADOR DE ESPERANÇA”

O amor é uma força

*“Minha fé me salvou”*

O primeiro gesto público de Ingrid Betancourt na sua descida do avião foi o de benzer-se e ajoelhar-se longo tempo na pista do aeroporto, com sua mãe, para agradecer a Deus por sua liberação: “Agradeço a Deus e a Virgem... Sim, por este momento com o qual tanto sonhei, dou graças primeiramente a Deus e a Santíssima Virgem a quem eu realmente rezei muito por minha liberação...”.

Ao jornalista que lhe fez notar que ela parecia muito mais religiosa do que antes de seu sequestro, Ingrid responde: *“Há pouco eu estava com meus filhos e meu primeiro marido e eles me disseram: “ Pare de falar de religião, porque as pessoas vão pensar que você se tornou uma beata”. Não é verdade, mas, o que é certo, é que tenho uma fé imensa, e penso que minha liberação foi um milagre, eu o penso realmente. Eu tinha fé antes, mas era uma fé de ritual. Acredita-se em algo, mas pode-se viver sem fé. Na selva, não podia viver sem fé. Ela era a minha força e, em seguida, tornou-se uma presença absoluta. Para mim, isto é uma realidade tão verdadeira, como ver esta mesa e nela tocar.» Não escutei vozes, não vi imagem, mas tenho uma profunda convicção de seu amor.”*

No domingo, 6 de julho de 2008, Ingrid foi à Basílica do Sagrado Coração de Montmartre, em Paris, para agradecer a Jesus e a Virgem Maria sua liberação. Depois de sua oração, ela deu uma entrevista ao jornal “Pèlerin” para dizer como sua fé se manifestou nos momentos mais dolorosos de seu cativeiro, como seu amor por Jesus e Maria, suas leituras da Bíblia deram-lhe força para não ter ódio contra seus carcereiros.

*“Durante o meu cativeiro, tinha tomado a resolução de que, quando chegasse o momento de minha liberação, viria agradecer primeiramente ao Senhor. Por quê? Porque se eu não tivesse tido o Senhor ao meu lado, penso que não teria conseguido crescer na dor. Estar refém coloca a pessoa numa situação de humilhação constante. Você é vítima da arbitrariedade completa, e conhece o mais abominável da alma humana. Frente a isto, há dois caminhos. Ou a gente se deixa desfigurar, tornando-se azeda, viciosa, vingativa, deixando seu coração encher-se de rancor ou se escolhe o outro caminho, aquele que Jesus nos mostrou. Ele nos pede: “Bendiz teu inimigo”. Cada vez que eu lia a Bíblia, sentia que estas palavras se aplicavam a mim, como se Ele estivesse diante de mim, que Ele sabia o que precisava me dizer. Isto ia direto ao meu coração. É claro que, reconheço que quando o inimigo é cruel, é difícil ser fiel a esta palavra. No entanto, assim que eu fazia o exercício de pronunciar “Bendiz teu inimigo”, considerando que tinha vontade de dizer o contrário, isto era mágico. Mas havia como uma espécie de... de alívio, e o horror desaparecia, simplesmente. Coisa como esta, eu poderia dizer-lhes durante longos dias. Eu sei, eu sinto que houve uma transformação em mim*

*e esta transformação, eu a devo a este contato, a esta capacidade de escuta daquilo que Deus queria para mim. Era um diálogo constante com Deus, através do Evangelho...*

*É preciso que eu lhes conte minha descoberta de Maria. Papai tinha uma grande devoção pela Virgem e, eu devo dizer que, na época, achava Maria um pouco... infantil. Digamos que não era, realmente, a imagem de uma mulher que me fizesse sonhar. E depois, em cativo, eu reli os Evangelhos e fiquei encantada, com o que descobri a respeito dela. Provavelmente porque para compreender a Virgem, é necessário ter vivido, obtido uma certa maturidade. E começo a achar realmente sensacional esta jovem que aceita ter um filho enquanto tinha um plano de vida totalmente diferente. Ela corre todos os riscos. Para muitos cristãos, estas são coisas bem conhecidas, mas para mim, era uma descoberta. Descubro uma Maria forte, uma Maria inteligente, uma Maria que tem disposição de espírito... Digo-lhe: eu fiquei, como dizem os canadenses, apaixonada por Maria lendo o Evangelho de São João na passagem onde ele narra as bodas de Caná. Acho este diálogo entre Maria e Jesus extraordinário. Esta convivência entre eles é brilhante. Apesar de todas as razões que Jesus opõe à sua mãe, ela já sabe que Ele vai fazer o que ela quer, que Ele transformará a água em vinho das bodas por amor a ela. Lendo esta passagem, eu não podia deixar de pensar em minha relação com meu filho, Lorenzo...*

*Embora eu não visse Maria separada de Jesus, pensei em seu sofrimento de mãe e eu lhe pedia sem cessar: “Maria, se for do teu agrado, cuida de mamãe e de meus filhos... Faz com que eu possa revê-los um dia”. E dizendo isto, eu sentia que ela me escutava. E eu me acalmava.*

*...No ambiente de solidão espiritual na qual ao redor de você, há só inimigos agressivos, tive que aprender a não reagir como o fazia antes. Tive que aprender a silenciar, a baixar a cabeça. A única pessoa com quem eu podia falar, era com a Virgem. Bravo Maria!” (Trecho do Jornal Peregrino n° 6554)*

Na sexta-feira, 11 de julho, Ingrid Bétancourt prossegue sua peregrinação de gratidão. Ela foi para o Santuário de Lourdes fazendo uma pequena parada na Capela da Rua do Bac, na discreção para se proteger dos fotógrafos e jornalistas que a perseguiam desde sua chegada. Na Casa-Mãe, Notre Mère e seu Conselho tiveram a alegria de acolhê-la e, com ela, compartilhar este momento privilegiado.

Esta mulher de coragem e de fé quer continuar se mobilizando pela liberação dos outros reféns e pela luta contra a corrupção e a violência.

## **HISTÓRIA DA COMPANHIA**

NO TEMPO DE SÃO VICENTE... E HOJE

### **INTRODUÇÃO**

A partir deste número, você encontrará na rubrica “História da Companhia” uma série de artigos provenientes dos Cadernos Vicentinos escritos pelo Padre Morin, Padre da Missão.

Tendo vivido longos anos no Berceau, o Padre Morin realizou muitas pesquisas sobre o espírito e a obra de São Vicente a fim de interiorizar melhor sua mensagem. Ele deixou uma quantidade importante de escritos nos quais ele partilha conosco suas descobertas de um modo particularmente simples e acessível a todos. Seria realmente uma pena “*abandonar estes tesouros sob a poeira dos anos*” dizia o Padre André Sylvestre.

Pareceu-nos bom colocar a riqueza destas reflexões à disposição da Companhia inteira. Traduzido em vários idiomas, estes textos permitirão maravilhar-nos, juntos, das intuições espirituais de nosso Fundador e continuar aprofundando nosso espírito evangélico para servir Cristo nos pobres como Filha da Caridade.

Agradecemos nossos irmãos Lazaristas por nos terem autorizado a publicação destes textos nos Ecos.

## **NO TEMPO DE SÃO VICENTE... E HOJE**

### Vicente de Paulo e o Espírito Santo

#### **I. ESPÍRITO SANTO, QUEM ÉS TU?**

Diante do prestígio e do poder atual dos meios de comunicação, e quando passo uma boa parte de minha vida lendo e relendo os quatorze volumes dos escritos e das conferências de São Vicente de Paulo, por vezes, chego até mesmo a sonhar...

Se Vicente de Paulo tivesse vivido em nossa época... com a imprensa, as entrevistas, o rádio, a televisão... ele, que com os pobres meios de comunicação do século XVII ficou conhecido por ocasião de sua morte em todo o reino da França, na Itália, na Polônia, na Escócia, na África do Norte e até mesmo em Madagascar, onde somente se chegava após sete meses de navegação na melhor das hipóteses!

Sei bem que este gênero de questões não agrada soberanamente os historiadores que consideram, com razão, o anacronismo, como uma espécie de pecado injustificável. No entanto, como seria interessante forçar o Padre Vicente nos últimos momentos de sua vida e o levar a revelar a fonte de seu extraordinário dinamismo! Nós lhe perguntaríamos, por exemplo: Padre Vicente de onde veio o carisma com relação aos pobres? Onde o senhor colheu este olhar, que através da pessoa do pobre foi até ao encontro de Jesus Cristo? Junto a quem o senhor adquiriu este instinto de pressentir as situações de miséria, de injustiça, sabendo discernir as causas? Onde encontrou esta força de convicção para alertar e reunir tantas pessoas de boa vontade, momentaneamente paralisadas pelos hábitos, pelo egoísmo ou pela indiferença?

Imaginamos que vocês desejam a resposta do Padre Vicente. Eu digo: Imaginemos! Mas, com efeito, não imaginaremos nada e para redigir esta resposta será suficiente somente mergulhar nos escritos e em outros testemunhos que conservamos de nosso grande santo das Landes.

**O Segredo** do que vocês chamam meu dinamismo, diria substancialmente Padre Vicente, o segredo do meu realismo social e caritativo, o segredo de minha facilidade de alertar e reunir... é, simplesmente, **o Espírito de Jesus Cristo**.

O Espírito de Jesus Cristo é uma expressão que encontramos muitas vezes nos lábios ou nos escritos do Padre Vicente, no entanto, a expressão “Espírito Santo” é raramente empregada por ele. Mas no dia, 13 de dezembro de 1658, durante uma conferência aos Missionários, ele se explica claramente a este respeito. “A regra diz... que para tender à perfeição é necessário revestir-se do espírito de Jesus Cristo. Ó Salvador! Ó Senhores! Eis uma grande obrigação, revestir-se do espírito de Jesus Cristo! Mas, qual é este espírito tão difundido? Quando se diz: O espírito de Nosso Senhor está em tal pessoa ou em tais ações, como entender isto? É o Espírito Santo, Ele mesmo, difundido nelas? Sim, o Espírito Santo quanto à sua Pessoa difunde-se nos justos e habita pessoalmente neles. Quando se diz que o Santo Espírito opera em alguém, isto quer dizer que o espírito residindo nesta pessoa, dá-lhe as mesmas inclinações e disposições que Jesus Cristo tinha sobre a terra e que fazem a pessoa agir da mesma maneira, não digo com igual perfeição, mas segundo a medida dos dons deste divino Espírito... Mas, o que é mesmo o espírito de Nosso Senhor? É um espírito de perfeita caridade, repleto de uma maravilhosa estima pela divindade e de um desejo infinito de honrá-la dignamente; um conhecimento das grandezas de seu Pai para admirá-las e exaltá-las incessantemente” (Coste XII, 107 – 108).

Ao contrário do que alguns, por vezes, supuseram gratuitamente, Padre Vicente tinha feito durante seus sete anos de estudos universitários em Toulouse bons estudos de Teologia. Ainda mais, existe a diferença entre ele e muitos de seus ilustres contemporâneos, pelo fato de estar em contato com os pobres e pequeninos, ele tinha o dom de traduzir a teologia em linguagem simples e dinâmica, parecido com uma pessoa que tinha tido “as mesmas inclinações e disposições que Jesus Cristo tinha sobre a terra, e que tinha sido habitado pelo Espírito Santo”.

Eis a proximidade de São Vicente. Eis a resposta que ele daria a nossa pergunta: ESPIRITO SANTO, QUEM ES TU? O Espírito Santo é o espírito de Jesus Cristo, é o espírito que nos ilumina, que nos dá força para seguir Jesus Cristo hoje, para imitá-Lo e ter as mesmas inclinações e as mesmas disposições do Cristo do Evangelho. Esta aproximação e esta disposição podem parecer um pouco simplistas. É certo, portanto, que o Padre Vicente conhecia a teologia sobre o Espírito Santo e que ele acreditava firmemente nela. Refletindo bem, todo o mistério do Espírito Santo encontra-se na resposta de São Vicente.

De início, encontramos aí a afirmação da existência da presença da terceira pessoa da Trindade. Encontramos, em seguida, a afirmação da ligação viva e lógica unindo o Espírito Santo a Jesus Cristo e ao Evangelho. Encontramos ainda a afirmação de seu papel e de suas ações nas pessoas, na sociedade e na Igreja, ação que dá luz e força para fazer passar o Evangelho hoje, que leve as pessoas a reviver o que Jesus Cristo viveu e a ter as mesmas inclinações que Ele teve. Como o dizia São Vicente, tais pessoas são “habitadas pelo Espírito Santo”.

Eis, então, como o Padre Vicente falava do Espírito Santo. Imaginem que poderia avançar ainda mais desenvolvendo e ilustrando este assunto, com muitas citações e referências. Mas, na ocasião desta intervenção, desejaria insistir sobre a experiência pessoal de Vicente de Paulo, porque estou certo de que na resposta que ele nos daria, teria, ele mesmo, insistido particularmente sobre esta questão: Quais são as experiências que fazemos, atualmente, ou que já fizemos do Espírito Santo?

Vicente de Paulo teria apreciado esta frase! Como bom camponês das Landes, ele amava as questões que evocavam, de preferência, mais a experiência do que o saber, e as respostas que se enraizavam no real.

Não esqueçamos de que na primeira metade do século XVII, logo, no tempo de Padre Vicente, havia muitos espirituais e célebres pregadores, por vezes, um pouco abstratos! Por suas origens e seu engajamento junto aos pobres, Padre Vicente tinha os pés no chão... mesmo na presença do Espírito Santo. Ele gostava de provar e testar a fé na experiência. Desta maneira, um dia, terminando uma carta a um confrade que lhe tinha pedido conselho, espontaneamente, concluíra. “Tal é minha fé, tal é minha experiência!”. Talvez, jamais ele tenha melhor resumido, de maneira plena e concisa, sua caminhada espiritual: “Minha fé... minha experiência”.

Digo-lhes isto para fazer-lhes admitir que entre os questionamentos que nos são propostos esta tarde, Padre Vicente teria parado longamente neste: Quais as experiências que vocês têm feito do Santo Espírito? Suponho mesmo, como gascão que era, teria ironizado um pouco a pluralidade, reconhecendo que uma só experiência pode ser, por vezes, numa vida, mais marcante e mais decisiva do que todas as outras.

Mas retornemos à intervenção simulada e à nossa questão: Quais as experiências que vocês fizeram do Espírito Santo? Deixemos a palavra ao Padre Vicente...

Isto foi incalculável. Vejam que me foi necessário muito tempo para compreender que um simples encontro, como o encontro com um pobre, que uma partilha de oração ou uma confiança inesperada podia ser presença e sinal do Espírito Santo. Por muito tempo eu O encontrei sem verdadeiramente reconhecê-Lo. Depois, num dia de um ano luminoso, eu O encontrei nos pobres, e enfim O reconheci. Em seguida, não cessei de encontrá-Lo toda hora, em todos os cantos da rua, até mesmo a chegar, por vezes, ao ponto de julgá-Lo indiscreto e exigente. Eu mesmo disse um dia, terminando uma partilha de oração: “Lembro-me (é necessário que eu diga isto) que outrora quando eu voltava da missão, parecia-me que retornando a Paris, as portas da cidade deviam cair sobre mim e me esmagar; e raramente retornava da missão sem que este pensamento não viesse ao meu espírito (Coste XI 445)... pela quantidade de pobres que deixava atrás de mim... Nestes momentos, o Espírito Santo continuava gritando, enquanto minhas forças chegavam ao fim.

Para resumir minhas experiências e meus encontros com o Espírito Santo, posso dizer que O percebi de início na fé dos meus pais e de minha família. Depois, O encontrei em meus estudos, quando tinha, portanto, o espírito longe. Após um período difícil, tentei de reconhecê-Lo melhor junto aos grandes mestres espirituais; Mas isto era mais um refúgio do que uma procura. Enfim, eu O reconheci em um pobre e depois a partir disto, não nos deixamos mais. Mesmo nestes momentos onde eu O achei indiscreto e exigente.

Eu me recordo (Isto foi registrado nos Arquivos), que algumas horas antes de minha morte, um Co-irmão Padre Dehorgny perguntou-me: Credes no Espírito Santo? e eu respondi: “Sim.. sim”. Depois de tudo o que tinha vivido, isto não era mais nem fé, era uma evidência: “Tal era minha fé, tal era minha experiência! “Mas, retornemos às etapas nas quais cada um e cada uma poderá se reconhecer um pouco.

De início, então, percebi a existência e a presença do Espírito Santo na fé dos meus pais, uma fé oh! Toda simples e tradicional.

Os Párocos da época, nas Landes, muitas vezes, realizavam somente os serviços espirituais mínimos, a saber: as Missas dominicais; eles não asseguravam os catecismos. Parece-me que eu passo, na história da Igreja, por um inovador e um promotor de catequese! Não importa o que seja, tudo me veio dos meus pais, das orações que eles me ensinaram e que nós recitávamos na família, sobretudo, à noite. É claro, desde que eu soube fazer o sinal da cruz, escutei falar do Espírito Santo e a Ele rezei.

Em 1653, quando já tinha setenta e dois anos tive a oportunidade de ensinar o catecismo aos pobres do Hospital do Santo Nome de Jesus. Então, rápido encontrei o estilo e as comparações do catecismo familiar de minha infância. “Da mesma maneira que no sol há três coisas e que estas três coisas não formam três sóis, assim na Santíssima Trindade há três

peçoas, e todas as três formam somente um só Deus. Há, então, três coisas no sol, este belo astro que vemos no céu. A luz, que nos ilumina bem como a todos que estão sobre a terra, que dissipa as trevas da noite e, enfim, que alegra todo o mundo, porque se estivéssemos nas trevas, que contentamento teríamos? A terceira coisa que há no sol é o calor, um grande calor que procede do corpo do sol e de sua luz. É este grande calor que faz amadurecer os frutos e outras coisas sobre a terra. Quando virem um tempo quente, sufocante, como fazia quando chegamos aqui, isto provêm do sol.. Por esta comparação podem ver como há somente um Deus e três Pessoas em Deus, que são inseparáveis, umas das outras, como o sol é inseparável da luz e a luz, do calor. (Coste XIII, 159-160).

Alguns e algumas poderão, talvez, pensar que tudo isto seria bem pobre e primário. É verdade. Mas, mais tarde quando compreendi um pouco a relação existente entre o Espírito Santo e a Caridade, isto não me pareceu totalmente diferente deste calor do sol, do qual falava o meu primeiro catecismo de família.

O Espírito Santo, um calor do sol... que faz amadurecer os frutos... o pequeno das Landes que eu era compreendia isto. Esta foi minha primeira experiência do Espírito Santo.

Com a idade de 15 anos fui enviado ao pequeno Colégio dos Franciscanos de Dax (lá onde se encontra hoje o Correio Central). Eu morava com a família dos “Comet” que vivia na rua chamada: a Rua dos Fuzilados. Minha família havia escolhido para mim o caminho dos estudos e tinha feito para isto grandes sacrifícios. Eu estava bem consciente disto e tinha decidido ter êxito a todo preço, a fim de poder devolver largamente à minha família a chance que ela me havia dado.

No decorrer dos meus dezoito anos, entrei na Universidade de Toulouse para continuar meus estudos, e encontrei novamente o Espírito Santo sob aparências bem mais sérias e aprofundadas que o calor do sol de minha infância.

Estudava-se, então, na Universidade a Suma Teológica de São Tomaz de Aquino e a parte concernente ao Espírito Santo era, eu me lembro, muito densa e muito rica, muito rica mesmo para alguém que como eu tinha o espírito preocupado com outras coisas.

Não obstante, obtive um diploma de Bacharel em Teologia; diploma muito invejável e apreciado neste tempo mais do que hoje, é o que me parece. Voltemos, se tiverem tempo, ao que escreveu a este respeito o sábio Padre Coste (I,11,17; XIII, 13,20,22,41,43, 56,436, 457, 459, 519, 520 ). Mas, minha finalidade era sempre chegar, chegar ao mais alto, e o mais rápido possível, a fim de retornar ao meu país, para “obter uma honesta pensão e empregar o resto dos meus dias junto aos meus”. (Coste I, 18).

Espírito Santo, Quem és Tu? Neste tempo, confesso, eu O conhecia bastante pela teologia, mas O encontrava cada vez menos e não O reconhecia mais. Podia falar d’Ele, quase tão bem como Santo Tomaz... eu acreditava n’Ele, mas para dizer a verdade, não me sentia tão comprometido...Continuava minha vida com um ardente desejo de retornar ao país, algo que considerava como um dever de justiça que passava na frente de tudo.

Este foi o período da aventura que me conduziria a Marseille, a Roma, depois a Avignon e a Paris, mais exatamente ao bairro de Saint-Germain-des-Prés, onde se reagrupam os Gascões. Graças às boas relações, obtive um posto de Capelão na Corte da rainha Margarida de Valois. Em seguida, fiz uma aquisição junto a “La Rochelle, de uma Abadia que me parecia ser um bom negócio. E foi um pouco antes que escrevi a minha mãe, a carta que lhe chegara a Ranquines, em fevereiro de 1610; Entrevia que o meu retorno já se aproximava, uma vez que a fortuna estava feita.

Mas, de repente, o vento do sucesso fez uma reviravolta sem que me viesse de forma alguma à idéia que o Espírito Santo pudesse estar aí para alguma coisa! Fui injustamente acusado de um roubo e, ao mesmo tempo, o bom negócio que acreditava ter realizado com a Abadia de “La Rochelle” se revelou desastroso. Foi o fracasso em todos os aspectos. Em



novembro de 1611, com a idade de 30 anos, me refugiava (a palavra não é muito forte) na pessoa do Padre de Bérulle, que fundou neste mesmo mês a Congregação dos Oratorianos.

Os textos e outros ecos que vocês conservaram desta fundação provam bem, que este foi para mim um tempo de fervor, um pouco carismático, como diríeis hoje. Era o fervor do início e isto, para o Padre de Bérulle pelo seu temperamento austero e sua espiritualidade particular, não era desconhecido. Talvez tivesse, ainda, necessidade deste banho quente para reagir?

Espírito Santo, quem és Tu? Certamente, eu O encontrei na companhia do Padre de Bérulle e de seus primeiros discípulos; mas pela minha falta, sem dúvida, não O reconheci verdadeiramente. Uma linguagem um pouco excessiva e abstrata não correspondia, talvez, a meu temperamento e não estava ao meu alcance. Na primeira ocasião que se apresentou, como todos os instáveis em período de crise, parti para ser Pároco de uma pequena paróquia do interior Clichy. Permaneci aí somente dezesseis meses, mas lá (lembro-me muito bem), lá desconfieei da proximidade do Espírito Santo. Fugitivamente, senti sua presença no meio de um grupo de cristãos. Sei que conservaram alguns traços desta experiência, e entre outras, esta frase que me lembro ter dito: “Penso que nem mesmo o papa é tão feliz quanto um pároco no meio de um povo que tem um coração tão bom”. (Coste IX, 646).

“Um pároco no meio de um povo...” A fim de que compreendam bem tudo o que esta frase representava para mim, de descoberta e de admiração, devo lembrar-lhes que, tendo doze anos de Padre e até o dia em que vim para Clichy, nunca me tinha encontrado pastoralmente no meio de um povo. É certo que tinha feito altos estudos de teologia, tinha vivido junto do Padre de Bérulle um forte tempo de experiência espiritual, mas “um pároco no meio de um povo”, era outra coisa; isto foi para mim uma felicidade maior do que ser Papa. E eu dizia isto em um tempo, onde ainda sonhava com uma promoção, com o sucesso e o retorno ao país. A prova, infelizmente, é que não tardei a deixar “este povo que tinha um bom coração”. Que importa! Voltando um pouco atrás, hoje estou persuadido de que o Espírito Santo estava lá. Ele me fez sinal e, portanto, desta vez fiz semblante de não reconhecê-lo. Uma excelente situação me foi oferecida como instrutor na família dos Gondi, uma das famílias mais ricas e mais poderosas do reino; Aceitei, abandonando meu povo de tão bom coração. Ignorava, então, que para mim seria a última etapa antes do retorno ao país, e também a primeira de uma surpreendente evolução.

Logo que entrei na casa dos Gondi começou a confusão, o tédio, a inquietude, a dúvida que se propagou como uma gangrena, ao ponto que logo não fui mais capaz de dizer a menor oração, nem mesmo de articular o Credo. Embora eu dispusesse de todas as seguranças materiais, nunca me senti tão pobre, tão desprovido, tão inquieto. Espírito Santo, quem és Tu? Onde estás?

Vocês conhecem a continuação da história. Farei apenas um resumo, sublinhando, no entanto, uma coincidência, um percurso que passa através da noite.

Instrutor na família dos Gondi, andava de castelo em castelo. Um dia vieram pedir um Padre para ir ver um pobre homem que agonizava, um pobre homem só e abandonado. Eu fui. A alegria que experimentou este homem ao encontrar um Padre antes de morrer confundiu-me e provocou. Isto se passou em Gannes na Picardia, no dia 24 de janeiro de 1617. Eu tinha 36 anos e era Padre há um pouco mais de 16 anos. Neste dia, este velho homem abandonado me fez reencontrar no mais profundo de mim mesmo “as inclinações e disposições que Jesus Cristo tinha sobre a terra”. Senti-me como uma pessoa “habitada pelo Espírito Santo”, ou melhor, como uma pessoa que, enfim, tomava consciência de que ela era habitada pelo Espírito Santo há muito tempo... depois do dia do meu batismo, 24 de abril de 1581 na pequena igreja de Pouy.

Não desejo cansar vocês: não vou contar toda a minha vida. Além do mais, a partir deste dia, tudo se tornou cansativo, extenuante, e, no entanto, simples e maravilhoso. Com

efeito, foi a partir deste dia que encontrei o Espírito Santo a toda hora, em todos os cantos das ruas e até em... Madagascar.

Percebam que isto não se passou de um dia para outro. Foi-me preciso seis bons meses para refletir, hesitar, discernir. É claro, havia a iluminação de Gannes e o encontro do Espírito Santo na pessoa deste pobre homem. Mas havia também estes vinte e dois anos, investidos para me fazer uma situação e assegurar meu retorno ao país, aonde iria, enfim, devolver à minha família o que lhe devia e o que ela esperava de mim.

Sim, foi-me preciso seis meses, e também um segundo apelo do Espírito. Fugi da casa dos Gondi para me encontrar em uma pequena paróquia da diocese de Lyon, no mês de agosto de 1617.

Estava lá depois de três semanas, e o Espírito Santo já me espreitava. Uma família pobre, marginalizada e abandonada por todos, foi acometida de uma grave epidemia. Sabendo disto providenciei, com os meus paroquianos o necessário, para socorrer esta família e enfim... compreendi! Encontrava o Espírito Santo na espera e na confiança destes pobres doentes. Eu O encontrei também, como em Clichy,” no povo que tinha um tão bom coração”. Compreendi, como se dizia em minha família em Ranquines, que o Espírito Santo era algo caloroso como o Amor. Creio que não há mais outra coisa a acrescentar.

Também, não vou abusar muito da paciência de vocês, porque acredito ter dito o essencial. O restante, depois do mês de agosto de 1617, até a manhã de minha morte onde afirmei minha fé no Espírito Santo, todo o resto entre nós foi uma camaradagem maravilhosa, mesmo que isto não tenha sido sempre repousante e fácil. Vou, então, deixar ao conferencista de vocês o cuidado de concluir. Até logo, meus filhos!

Coloquem-se agora em meu lugar: tomar a palavra após o Padre Vicente! Com efeito, tentei seguir bem de perto, aquilo que ele mesmo disse ou escreveu sobre sua experiência do Espírito Santo. Como ele convidou-me a concluir, sublinharei para nós hoje, as quatro frases pelas quais passaram sua revelação sobre o Espírito Santo: a etapa familiar, o acesso teológico, a experiência do tipo carismática e, enfim, a descoberta no coração da Igreja e na pessoa dos pobres.

## **1. A ETAPA FAMILIAR.**

No tempo de São Vicente, na Gascônia, na pequena paróquia de Pouy ou em Ranquines, os meios de proposição e de transmissão da fé eram muito pobres e aleatórios, diferentes de hoje. Não pelas mesmas razões, isto é certo! Os Padres eram numerosos, mas sua formação era, muitas vezes, insuficiente, sobretudo no campo. Nas famílias deste tempo não se encontravam ateus; mas o protestantismo bem recente interpelava fortemente a fé, sobretudo nestas regiões. A tradição familiar não era ainda uma simples rotina mais ou menos retrógrada, ela era, muitas vezes, convicção e coragem. Não nos esqueçamos de que foi dentro deste contexto que o jovem Vicente fez o seu primeiro sinal da cruz: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo! Mesmo sabendo que a tradição era pobre e primária, mesmo se o Espírito Santo era comparado ao “calor que amadurece os frutos”... agora que conhecemos o caminho de Vicente de Paulo, podemos interrogar-nos sobre o valor inestimável desta primeira etapa, na busca e no encontro do Espírito. Quando ela é unida, a família é, certamente, um lugar privilegiado do Espírito, sobretudo para as crianças. É claro que não se trata ainda de conhecimento, mas já de início, a experiência tem aí seu lugar. Creio que é bom, que é bonito e normal fazer a experiência antes mesmo de entrar no mistério de Deus e de conhecer o mistério do Espírito.

Quanto mais eu estudo São Vicente, mais fico impressionado com a importância desta primeira experiência familiar. Ao terminar seus estudos e depois de ter abandonado sua

ambição de uma promoção, Vicente encontra os pobres e o sentido de sua vocação, encontra da mesma forma suas raízes e a fé simples e sólida dos seus primeiros anos.

O Espírito Santo de Gannes – Folleville e de Châtillon, é bem o Espírito Santo de Ranquines, o Espírito dos primeiros sinais da cruz, o Espírito Santo da fé familiar. Isto é tão verdadeiro que nos Escritos e Conferências deste período, encontramos cada vez mais as evocações de lembranças da infância. Isto que se chama a “conversão” de Vicente de Paulo certamente foi como a redescoberta de suas raízes e de sua primeira experiência de Deus e do Espírito, vivida no meio familiar modesto e simples, mas muito unido, equilibrado, desenvolvido. Felizmente, quando não se tem esta chance e esta graça com a qual Vicente foi favorecido, o Espírito dispõe de outros meios para se revelar e animar. Ao menos, a experiência de Vicente de Paulo permite-nos sublinhar a importância desta primeira etapa e a influência da família no começo de uma existência.

## **2. A ABORDAGEM TEOLÓGICA**

Este foi o segundo aspecto da abordagem do Espírito na caminhada de Vicente de Paulo. Esta abordagem foi teológica, seriamente conduzida à Escola de São Tomaz de Aquino, mas ela se desenvolve num período e num contexto ambíguos. Vicente tinha entrado numa Igreja a qual ele havia abordado, sobretudo sobre o seu aspecto hierárquico. Certamente, sua fé não estava em causa, mas seus projetos e sua ambição não o predispunham a um verdadeiro encontro com o Espírito Santo. Ele, O estudava sem dúvida, O conhecia melhor, podia falar com Ele e, após obter o seu diploma de bacharel, podia até mesmo ensinar sobre Ele. Mas este conhecimento não tinha nada de experiência, e sua concepção da Igreja e do sacerdócio era mais ou menos pobre e banalizada. Os pobres não embaraçavam seus horizontes humanos e o Espírito em sua vida não devia ser mais do que um artigo da fé ou uma linha do Credo.

Esta abordagem teológica que tomou lugar no itinerário de Vicente de Paulo, pode nos interpelar. Somos crentes, cremos em Deus, Pai, Filho e Espírito. Mas este mistério é para nós simples adesão, experiência ou conversão? O conhecimento quer seja ele bíblico, teológico ou catequético é indispensável. Os nove anos de estudos de Vicente não foram, em seguida, muito aproveitados. Mas à luz do seu caminho, podemos perceber melhor a importância que isto teve para que ele levasse em frente, na medida do possível, o conhecimento e a experiência.

Teria muito a dizer, por exemplo, em matéria de catequese. A experiência deveria acompanhar o conhecimento e, talvez, mesmo a precedê-lo, como já lhes dizia a respeito da etapa familiar. É sem dúvida por isso que o Padre Vicente se refugiou um dia do ano de 1611 no Oratório junto ao Padre de Bérulle. Ele sentia necessidade de uma experiência verdadeira, profunda, sem compromisso.

## **3. A EXPERIÊNCIA DO TIPO CARISMÁTICA, com todas as nuances que se impõem.**

O intuito do Padre de Bérulle ao fundar o seu Instituto do Oratório era antes de tudo dar aos Padres na Igreja um ideal de santidade. Junto ao Padre de Bérulle, Vicente se encontra subitamente em um período fervoroso do início de uma fundação, com muitos tempos de oração e de meditação, no contexto de uma vida regular e austera. Imaginemos este homem de 30 anos, saindo de um meio como aquele da Corte de Margarida de Valois, um dos centros parisienses mais conhecidos e célebres. Isto deve ter sido uma experiência marcante, perturbante, chocante, quase que asfíxiante. Sabemos que, durante seis meses aproximadamente, Vicente encontra uma ocasião de sair-se bem, e foi ser Pároco em Clichy.

Seria um grande anacronismo comparar o que chamamos hoje de movimentos carismáticos, com esta experiência passageira do Padre Vicente. No entanto, levando em consideração as diferenças essenciais que existem entre estes movimentos e esta experiência,

parece-me que se pode ver uma espécie de coincidência ou de convergência, a 375 anos de intervalo, entre a experiência de Vicente e certas aspirações de hoje.

O Padre Vicente se refugiou junto ao Padre de Bérulle porque ele estava importunado, inquieto e dominado pelas preocupações do avanço do progresso. (Coste I, 18), das preocupações de situações e de “ honesta retirada “. No entanto, ele sabia e se sentia Padre e, após onze anos, sentia a necessidade de uma experiência radical e pura: ele se lança a isto.

Em nossa sociedade de hoje, no contato com os jovens, ficamos, por vezes, admirados de uma certa atração pelas caminhadas ou pelos momentos que são qualificados de carismáticos. Estes jovens se engajam alguns dias para rezar, cantar, partilhar, para deixar por algum tempo, uma sociedade que eles julgam muito prisioneira de interesse e de conveniências...

É curioso e interessante perceber que o Padre Vicente com a idade de 30 anos sentiu, ele mesmo, esta necessidade, e desejou mergulhar neste tipo de experiência. Creio ser isto uma necessidade do homem e, sobretudo, do cristão, em algum momento de sua vida. No entanto, esta não foi a grande etapa de sua experiência do Espírito Santo. Aliás, o Espírito Santo esperava na vida real e concreta dos pobres. Para o Padre Vicente, isto que chamei de experiência carismática foi uma espécie de fuga, mas uma fuga para ir adiante rumo a experiência e a descoberta.

#### 4. A DESCOBERTA

Após a experiência chamada de carismática, houve a experiência de Clichy, experiência de Igreja, experiência junto a um povo que tinha um bom coração. Depois, a idéia do avanço e da boa situação torna a vir e Vicente torna-se instrutor na casa dos Gondi. Era um lugar de ouro... mas foi assim o início de uma terrível noite que desembocará mais tarde no encontro com um pobre velho agonizante, abandonado por todos, na hora em que o Espírito tinha decidido se manifestar no coração da Igreja e sob os traços de um pobre.

No coração da Igreja e sob os traços de um pobre: estes dois elementos parecem ter sido o essencial para Vicente de Paulo, na sua experiência do Espírito Santo. Seus estudos teológicos serviram-lhe, assim como sua experiência carismática, sua origem familiar, regional e social. Mas o encontro determinante e definitivo se situa na Igreja e na presença dos pobres. Na vida e na ação do Padre Vicente estão presentes estas duas referências concernentes ao Espírito Santo.

Na Igreja... porque em Ganes-Folleville como em Châtillon em 1617 (ano da conversão), a experiência de Vicente foi vivida não com pequeno grupo ou uma elite, mas no povo leigo com um Padre, logo, com uma parcela da Igreja, na qual todos se engajam. De agora em diante para Vicente, **o Espírito Santo** será o Espírito e a alma de um povo, a alma e o animador da Igreja, porque é **Ele** que **mobiliza**, que **reúne** e que **une**.

Como está longe o tempo em que Vicente abordava a Igreja como uma hierarquia na qual ele desejava subir os degraus a grandes passos. A Igreja a seus olhos e em seu coração tornou-se missionária; o Espírito Santo sendo o motor e a energia que não o conduziria ao episcopado, mas que o levaria a se apaixonar por Madagascar e a desejar terminar seus dias lá, nos confins do mundo. Pois, foram os pobres que lhe tinham revelado o Espírito, e os pobres estavam em toda parte, até em Madagascar... os pobres que o tinham conduzido, sem mesmo saber, a despojar-se de sua ambição e de seus projetos, mesmo os mais legítimos... os que sem saber, o tinham mudado e tornado disponível, cheio de potencialidades e de energia, ele que tinha sido tão complicado e talvez mesmo complexado em certas horas.

Desde logo, compreende-se o lugar central que ocuparão os pobres na vida do Padre Vicente, porque eles foram para ele como um libertador.

Finalmente, no que se refere **ao Espírito Santo**, sabemos bem que nos encontramos face a **um mistério** e o Padre Vicente não pode nos dar senão algumas pistas, para abordá-Lo e viver neste. Creio escutá-lo a nos dizer que o Espírito Santo se manifesta em um povo que é a Igreja, de preferência nos pobres e, sempre, nos mais pobres.

Estar juntos, nos diz ainda São Vicente, estar na Igreja e centrar sua atenção e seu amor ao pobre, é sem dúvida a resposta mais próxima que se pode dar a esta questão: **ESPÍRITO SANTO, QUEM ÉS TU?**

(Continua)

Padre Jean MORIN, cm  
*Cadernos Vicentinos III/2*

---